FON-FON
N.º 1
ALLÔ BOY!

O CONTO BRASILEIRO

AS "FESTAS" DO ZEQUINHA

De REYNALDO REIS

PERNAMBUCO. Arredores de São Caetano. De quando em vez passa pela estrada vermelha um automovel, deixando atraz de si nuvens densas de poeira. A' esquerda, um pequeno sitio. Plantação de café e algodão, mal-feitas, sem orientação. Emergindo quasi occulto pelos cajueiros, o telhado de palha de uma casa.

— Zequinha! oi, Zequinha!

E mais baixo, para dentro de casa:

— Que menino vadio; meu Deus! Pois não está sendo, mãe, todos esses "bodes" de algodão pra levar e elle não apparece...

Molle, precocemente cansado pela sêcca e pelos vermes Zequinha appareceu sempre, bolindo com os galhos que lhe passavam ao alcance das mãos.

* * *

Caruarú. Zequinha empregára-se no "Grande Hotel", pomposo nome para aquella modesta estalagem. O pae morrêra da "maldita". Não podia ficar em casa. Tinha de trabalhar e por isso viéra para alli no "vapor de terra", pittoresco nome do trem. Os 50$000 por mez eram uma ajuda tão grande...

Dias após dias. O mesmo scenario de sempre, os mesmos trens a chegarem de manhã e á tarde, as conversas á noite, na calçada do hotel, onde o dono, o "seu" Antonio um portuguez que ha vinte e tantos annos era brasileiro — como dizia elle; o pharmaceutico e alguns viajantes discutiam, quasi sempre aparteados pelo "seu" Santino "das pelles", incorrigivel espirito de contradicção, muito sério, os destinos do Brasil e do mundo, verberando o Japão porque se armava até os dentes e dizendo sempre que este nosso paiz não endireitaria nunca. E isto com uma convicção tão profunda e com uma acrimonia tão sincera, que resultava ás vezes nas conclusões mais absurdas.

Zequinha ficava, após a arrumação, com os olhos perdidos na immensidade do firmamento todo cheio de estrellas, dessas estrellas bonitas que a gente só vê quando está longe das cidades. E nas noites em que o luar parecia pintar de aluminio o telhado de ferro da estação, era assim como que uma ventura inexplicavel a espojar-se naquella alma tão cêdo abandonada á indifferença do mundo.

Um dia, appareceu no hotel um viajante de tecidos. "Fez a praça", lastimando a crise que só o deixava vender aquella insignificancia. Foi qualquer freguez ao hotel e o certo é que de manhã o Zequinha, ao entrar no quarto, ficou extasiado deante de tanta fazenda bonita. E os sêdas para camisas, que até então só conseguira vêr através da montra do Zé Leão, como eram macias...

Pegou num corte, alisou-o, amassando entre as mãos o tecido fino, e ficou olhando, pensativo abstrato, sem se lembrar de mais nada.

— Zeca! Oh Zeca! Onde é que te metteste?

Era o "seu" Antonio...

* * *

Ah! si elle pudesse têr uma camisa de sêda! Só a usaria aos domingos, para ir á missa. E quando chegasse em casa, hein? Como iriam ficar admirados com aquella camisa "de doutor"... Instinctivamente ficou scismando si a sua gravata azul serviria para usar com a camisa.

* * *

Julho. Recife. Rua do Livramento. Em uma daquellas lojas Zequinha conseguira um logar de caixeiro. Modesto, vendo aos domingos, de longe, os automoveis luxuosos e macios a deslizarem na Avenida Beira-Mar ou nas longas ruas asphaltadas; sabendo pelas conversas que em Bôa-Viagem, naquelles palacetes, morava gente só pelo verão; vendo o dinheiro correr no movimento intenso da casa em que estava, — tudo aquillo para elle era assim como um sonho ou pesadello. Nem sabia o que era ao certo.

Ouvira dizer que em dezembro davam "festas" aos empregados e ao aproximar-se o dia 24 do mez tão esperado, andava meio-tonto de alegria. As contas já estavam feitas: dos 200$000 do ordenado mandava, como sempre, 100$000 para casa, e os outros 100 para as suas despezas. E dos 200$000 de "festas" iria comprar tanta coisa: um terno branco, sapatos de verniz, chapéo de palha, daquelles bonitos de aba larga e, principalmente, a camisa de sêda.

Chegou emfim o dia. Exhausto pelo trabalho intenso elle sahiu ás 6 da tarde e foi para casa, numa pensão da Rua Nova. Ficou á porta vendo o movimento. Gente e mais gente carregada de embrulhos; crianças que se iam a brincar com os presentes; grupos de moças reclamando porque "esses bondes passam tão cheios"; uma velhota que ia depressa, para conseguir ainda "fazer as unhas" na manicure da Pracinha; o camelot que vendia os copos" com que vossa senhoria poderá enganar o seu amigo". — tudo isso desfilava ás pressas, no aproveitamento das ultimas horas do dia. No bolso, dentro da mão, Zequinha segurava a cedula que o patrão lhe havia dado, com alguns conselhos que o bom do homem julgou precisos.

6 e meia. Era tempo. Subiu d. Maria veiu ao seu encontro:

— Zequinha, tem uma carta para você.

— Carta?, estranhou

— Sim, veiu um matuto de Caruarú trazer aqui. Está esperando a resposta.

Zequinha pegou no enveloppe "Diplomata", em que havia qualquer coisa parecida com letra. Abriu. Leu. E uma tristeza immensa espraiou-se pelos seus olhos de criança infeliz...

— Pobre mamãe!..., — disse elle, emquanto duas lagrimas cahiam sobre o papel amarrotado, espalhando em borrões a tinta mal sêcca.

E no dia seguinte mandava as suas "festas" para ajudar o luto das meninas...

(Do bello espirito.
De Aurelio Motta).

"Em dado momento ouviu-se a voz quasi extincta do garôto, que entoou, pela ultima vez na terra, uma cantiga infantil."

(Dos jornaes).

"SORTE GRANDE" remexeu-se na cama pobre e desalinhada, encobrindo o rosto com os travesseiros. Ao derredor, olhares angustiados fitavam-no insistentemente, na esperança, talvez, na realização de um milagre biblico, que salvasse o pequenino ente, prestes a desapparecer. E, a um canto, dona Josephina soluçava alto — velha mãe que sente chegado o momento da perda irreparavel do ser a quem mais amava na terra...

As lagrimas rolavam pela face de todos... A Morte andava por perto. "Sorte Grande" estava ago-

O menino que...

nizante. "Sorte Grande" ia morrer...

* * *

Era o garôto mais querido de todo o bairro.

Os seus gestos desenvoltos a sua argucia precoce, tudo concorria para pôl-o em relevo. E contava, somente, oito annos de idade.

A mãe era pobre. Tonico fez-se vendedor de bilhetes de loteria. Ajudava, em casa, com o pouco ganho diariamente.

Certa vez, um bilhete seu sahiu premiado. Poucos mezes depois outro. E um terceiro quasi que immediatamente.

Foi um successo. De Tonico passou a chamar-se "Sorte Grande". Os seus bilhetes eram os preferidos, porque distribuiam a muitos uma enorme somma de felicidade, essa felicidade que passava nas suas mãos e que elle, comtudo, jamais pudéra possuir...

* * *

No seu bairro era um rei. As creanças lhe tinham obediencia. Porque sabia formar em torno de si um batalhão de garôtos, que o estimavam, confiantes, esperançosos nos jogos que levava a effeito.

E dona Josephina amava-o. Idolatrava-o.

A vizinhança inteira gostava de "Sorte Grande". Sómente uns ricaços de linda chacára fronteira não queriam que os seus filhos brincassem com o garôto plebeu. Por isso mesmo, esses meninos eram tristes, invejavam a turma de "Sorte Grande" e, ás vezes, fugiam para encantar-se com a bôa, a simples, a inolvidavel alegria plebéa...

* * *

A' noite reuniam-se todos os garôtos. Brincavam o "Tiro-lá", diziam adivinhas, organizavam a manja. E os meninos ricos, de longe, muitas vezes choravam, por não poderem reunir-se áquella turba mulla, esfarrapa, pobre mas contente.

Havia, comtudo, uma brincadeira a que não podiam faltar: era o "siriri". Quando, raramente, fugiam dos cuidados paternos, a roda se alongava e todos entoavam, ao som de uma musica maviosa:

— *Vem cá, siriri,*
Vem cá, siriri,

morreu cantando...

As moças te chamam
E tu não queres vir...

"Sorte Grande", então, respondia com graça o final da cantiga, com a sua bella voz, meiga e expressiva:

— Eu não vou lá não,
Eu não vou lá não,
Eu peço uma esmola
E vocês não me dão...

Alegria de garôtos, encanto da meninice... Era o unico prazer que elles sentiam, mas esse prazer infantil nem a todos é dado gozar...

* * *

Um dia, entretanto, o menino não poude ir ao trabalho. Uma febre subita apossou-se delle, prostrando-o immediatamente.

Dona Josephina ficou como louca. Passou o dia dando-lhe "mézinhas". E "Sorte Grande" não melhorava.

Na manhã seguinte, chamou um preto velho, curandeiro de fama. O homem torceu a cabeça, ao ver o estado do garôto. "Sorte Grande" estava mal, muito mal; morrer...

* * *

Dona Josephina tentou, então chamar um medico. Mas, onde o dinheiro para a consulta? As amigas eram pobres, ella não tinha... E "Sorte Grande" peorava sempre.

Lembrou-se da familia rica. Bateu á porta, supplicou; nada conseguiu. Prometteu servir de escrava pela vida inteira, si não deixassem o menino morrer. Mas, a familia rica pouco se importava com "Sorte Grande"...

Dona Josephina voltou ao casebre, entre lagrimas... Perdera a ultima esperança.

* * *

Aquella hora, todos os seus amiguinhos alli estavam. O estado de "Sorte Grande" commovia a todos... "Sorte Grande" ia morrer...

Era noite, e o céu estrellado. A luz pallida invadia a casa. A lua estava linda, com o brilho especial que parecia ter para alegria daquelle bairro pobre.

A garotada, nessa noite, não sahira. As mães deixaram os garotos trancados em casa. "Sorte Grande" ia morrer...

Mas, os meninos ricos não sabiam do acontecimento. Sózinhos, no seu jardim, estavam tristes. Foi quando um levantou a idéa de brincarem, para matar a monotonia.

A roda — de quatro, apenas — formou-se. E as vozes entoavam a cantiga predilecta:

— Vem cá, siriri,
Vem cá, siriri,
As moças te chamam
E tu não queres vir...

O éco daquella canção entrou no casebre. Todas as cabeças a um só tempo, levantaram-se. "Sorte Grande" ia morrer e havia garôtos cantando...

Nesse momento, porém, uma voz fragil ouviu-se dentro do proprio quarto. Num derradeiro esforço, já na agonia da morte, "Sorte Grande" respondia (por que a Fatalidade é tão inexoravel assim?) áquella quadrinha que fôra o encanto de sua meninice e agora traduzia a tragedia inteira de sua morte, com uma clareza que a todos ficou patente:

— Eu não vou lá não,
Eu não vou lá não,
Eu peço uma esmola
E vocês... não me dão...

E a Morte, fechando-lhe os labios, carregou-o nos seus longos e descarnados braços, envolvido no alvo lençol da luz pallida do luar...

FRAN. MARTINS

O SEGREDO DE UMA MULHER

Muitas mulheres hão descoberto que, em logar de usar cremes para o rosto, é muito melhor applicar-se na face, antes de deitar-se suave Cera Mercolized, a que faz desprender-se toda a cuticula velha e que á superficie venha a mostrar-se a nova e formosa cutis que toda mulher possue encoberta pela velha tez.

Esta é a unica maneira de conservar a belleza juvenil. Toda casa que negocia em artigos de toilette tem sempre "Cera Pura Mercolized".

Si deseja eliminar o pello superfluo de uma forma instantanea, é preciso que faça uso do "Porlac" puro pulverizado. Usando-se methodicamente, dá resultados radicaes e definitivos.

HERMES-FONTES

Meu malogrado Mestre, hoje eu venho chorar-te,
e dizer meu adeus á tu'alma de artista.
E, por isso, inda presa á dor que lhe contrista,
ajoelha-se, á saudade a chorar a minha Arte...

Pois fôste meu amigo, um creador de bellezas
deslumbrando e encantando os artistas da terra
que soubeste elevar na tu'arte, que encerra
as grandezas do Sonho e do amor as grandezas.

Predestinado á gloria — alma, em versos, florindo
tu surgiste, a cantar, com teu livro — Apotheóse
— E logo houve um rumor de applausos retrugindo.
— E logo houve um rumor de enthusiasmadas voze

Mas te esperava a dor. Pois como predestino,
sob luares e sóes, céos azues e horizontes,
tu trouxeste no nome um verso alexandrino:
— Hermes Florio Martins dos Araujos Fontes.

Depois fôste a espalhar teu grande coração
por entre os bons e os máos, num gesto alto e sublim
em, no emtanto, fazer, entre elles distincção:
— e foi esse o teu erro e esse foi o teu crime.

A ECONOMIA

QUANDO alguem diz que a avareza é um defeito, todo mundo concorda. Mas quando se diz que a economia é uma qualidade, ha um pequeno retrahimento nas nossas relações.

Ah! não gosto da economia!

A avareza é feia, a economia é ridicula.

Não contesto, pois não sou um louco, a utilidade, a necessidade de equilibrar as finanças e gastar com juizo. Não aconselho a deitar fóra o dinheiro pela janella. E' preciso pôr dinheiro de parte, é preciso pensar no futuro, para ter uma velhice descansada, e morrer garantindo aos seus o alimento e o socego... Tudo isso é exacto, e, sem duvida, me confo marei. Mas essas cous não têm relação algu com a economia diari incessante, insupportav

Por exemplo, saber p var-se de uma cousa q tenta si não se têm meios de fazel-a.

Pois, entendam-me, no modo de gastar que economia me desagrad

A avareza, feia como possúe uma vantagem bre a economia: póde s dissimulada.

Sendo-se avarento, b ta mentir, e engana-se todos.

Nega-se a existencia fortuna de que se qu fruir sózinho.

E, de resto, a avare é muito mais do que u defeito: é uma paixão.

O bom, por ser pequeno, invejou-te o esplendor
e teceu, na surdina, intrigas e miserias;
e o máo só por ser máo, negou-te as rimas sérias
dos teus versos sem par, de grande e alto lavor.

Amavas, com um amor de poeta, a natureza.
Esta te foi, porém, avára e foi madrasta;
o physico negou-te e, em ultima avareza
arruinou-te um sentido em gesto iconoclasta.

Andavas pela vida — illusões e chimeras —
de alma sorrindo e em flor, quando Alguém te sorriu
E, esse riso, porque te encheu de primaveras,
amaste... E o amor tambem, mentindo, te illudiu.

Desilludido e só, alma triste e descrente,
sangrando o coração aos contrastes da Sorte,
tu fóste procurar, desilludidamente,
as miragens do amor, no deserto da Morte.

Não te maldigo, pois, o gesto tresloucado.
Antes imploro ao céo, em prece, ao Creador:
"Perdôa-lhe, Senhor, o crime praticado:
— elle era um justo e um bom, elle era um sonhador".

STENIO DE SÁ

De Sacha Guitry

Si fosse um defeito, poder-se-ia dissimulal-a; mas, ao contrario, ella é que nos escraviza.

E, em summa, eu me enganava escrevendo que a avareza podia ser dissimulada. Deve sêl-o e o é, pelo facto mesmo de ser verdadeira.

Ao passo que, sendo-se economico, o facto transparece em cada um dos gestos e em cada uma das palavras.

A avareza é um cancro, a economia é uma doença da pelle.

A esse respeito, Robert Montesquieu — si não me engano — conta com muito espirito de uma senhora que guarda no seu armario de espelho uma caixinha de papelão sobre a qual escreveu estas palavras:

"Pedacinhos de barbante, não podendo servir para nada."

Ser economico é fazer-se as cousas pela metade. E' começar por vaidade, e, depois, de repente, interromper o que se estava a fazer.

Ser economico é mandar um recado inútil empregando o estylo telegraphico.

EM FAMILIA

NO escriptorio onde trabalhava, obtive um mez de ferias com vencimentos. Resolvi aproveitar o tempo e fazer uma viagem a Petropolis. Dito e feito. Aluguei um bonito "chalet" e fui, com minha mulher, passar um mez agradavel, longe dos parentes e outras infelicidades cariocas.

Chegámos sexta-feira de manhã. E começámos a viver dias felizes, calmos e serenos. Uma delicia!

No domingo, eram oito horas da manhã quando se ouviu um estrondoso e prolongado toque da campainha, acompanhado de fortes pancadas na porta.

Saltei, somnolento, da cama e de pyjama corri a ver o que era.

Ao abrir a porta, fui agarrado por uma mulher, que me deu dois beijos na face, e senti uma baforada de cebola. Reconheci immediatamente minha cunhada. Logo após, fui sacudido bruscamente por um aperto de mão e recebi uma forte palmada nas costas, o que me fez lembrar que tive um "pleuriz". Comprehendi que se tratava de meu cunhado. Nisto, alguem me puxou violentamente pelas calças. Já sabia. Era o meu sobrinho, o Pedrinho, de nove annos de idade. Um diabinho feito gente.

O somno desappareceu logo. Abri bem os olhos e olhei os recem-chegados.

"A desgraça nunca vem só" — diz o ditado. E assim é. Atraz dos meus cunhados, esboçando um sorriso pseudo maternal, estava minha sogra. Duas lagrimas desceram pelas minhas faces. Adeus, descanso, ferias e felicidades! Mas dissimulei e falei, numa voz doce:

— Então resolveram, emfim, visitar-nos? A Josephina ha de ficar contentissima. Entrem, meus "queridos parentes". Façam de conta que estão em sua casa.

Os meus "queridos parentes" não se fizeram de rogados e invadiram a sala de jantar. Todos vinham carregados de malas e pacotes. A visita devia ser demorada, pensei. Fui prevenir a minha esposa do occorrido.

Encontrei-a já vestida, em pé. Pela expressão de minha physionomia, ella adivinhou a desgraça.

— Vieram? — perguntou.

Quiz responder, mas o ruido de alguma coisa, espatifando-se no chão, serviu de resposta.

* * *

Sou um homme pacato e extremamente timido.

Não sei reagir nas occasiões criticas. Aguento, horas seguidas, amolação de agentes de seguros e de parentes, sem dizer uma palavra, e ainda com um sorriso nos labios.

Mas a mão invisivel da fatalidade me persegue. Perco sempre no bicho. Casei-me... e ainda tenho que aguentar a familia de minha mulher.

Os meus cunhados vivem com a sogra e com o filhinho baptizado com o nome de Pedrinho, o brincalhão. O Pedrinho vale tanto quanto a sogra. Não passa um dia que elle não faça das suas.

Esconde a roupa da vovó. Põe

De Fernando Levisky

pimenta no prato della. Rasga as cartas. Martrata os animaes. Briga com a criançada da vizinhança. Quebra a louça. Põe tinta no banho da vóvó. Grita, berra e põe a casa em alvoroço. Um inferno!

A minha sogra, que é um diabo em pessôa, não obstante isso, aguenta as brincadeiras do Pedrinho. Sómente de vez em quando (para variar) dá uma tapa no rapazinho. Mas aqui é que começa a tragedia. A mãe do "brincalhão" o defende com todas as forças. Chama a velha de bruxa e outros adjectivos em elevado estylo.

A sogra responde immediatamente, chamando-a de "filha ingrata", "sugadora de sangue" e assim por deante. Nisto, intervém o marido, que apanha de ambos os lados.

Todos falam ao mesmo tempo. A sogra se queixa de que não a querem deixar morrer em paz. Minha cunhada desmaia. E nos intervallos o meu cunhado faz discursos sobre a Paz e a Familia. Mas quem goza é o Pedrinho. Da cozinha, elle bombardeia a velha com ovos, batatas e outros legumes existentes no deposito caseiro.

Emfim, a sogra desanima e começa a chorar. O meu cunhado procura animar a mulher, que está desmaiada. O Pedrinho, não achando mais nada para jogar, vae ao jardim puxar o rabo do cachorro.

A cunhada, lembrando-se que está na hora de fazer visitas, fica logo bôa e vae vestir-se. A sogra vae aprompta a mala para fazer-me uma visita (que momento critico para mim!), falando que vae morar com a gente que lhe quer bem (isto é, a meu respeito). Nisto, apparece minha cunhada, vestida já e acalma a mãe, pedindo que fique. Esta, satisfeita, resmunga ainda, lamentando os filhos de hoje, que não respeitam os paes. E faz-se paz... até o outro dia.

* * *

Com um sorriso a brilhar-nos nos labios, eu e a minha mulher entramos na sala. A mãe do Pedrinho estava apanhando os cacos do vaso que este tinha quebrado. Ao ver-nos, falou:

— Imaginem que o Pedrinho quiz examinar o vaso, quando appareceu o gato e o derrubou.

— Sabem? — falei — Deixámos o bichano no Rio. Seria muito incommodo trazêlo para aqui.

Minha cunhada mordeu os beiços. A sogra expelliu um sorriso amarello, de triumpho. E o Pedrinho foi examinar o album de familia, emquanto o cunhado experimentava os meus cigarros, que eu havia esquecido na mesa.

Minha mulher trocou beijos com a familia e sentámo-nos para conversar.

— Como tiveram essa feliz idéa de vir nos visitar? — perguntou minha esposa.

— Oh! O meu José perdeu o emprego e nós, para economizar, resolvemos passar este mez com vocês. Será tão agradavel, em familia...

— Fizeram bôa viagem? — perguntei, bocejando e pensando na vida de descanso que me esperava.

— Oh! Optima! — respondeu-me a cunhada. Você não imagina como Pedrinho se divertiu brincando de locomotiva. E' uma brincadeira que elle inventou. Que menino intelligente!

(Cont.º no proximo numero).

CADA DIA MAIS SE ENFRAQUECE

PERDE AS FORÇAS E AUMENTA SUA IRRITAÇÃO

Tem que se fazer alguma cousa e — rapidamente

POETAS BRASILEIROS

ADELMAR TAVARES é o poeta das quadrinhas. Em cada quadra, existe, porém, um mundo de luz e de musicalidade. No genero, segundo julgo, não existe outro mais perfeito no Brasil. Pela graça, pela delicadeza, pela originalidade, o autor de "Noite cheia de estrellas" a todos supera.

Rosa Maria!... Roseira
De ingratidões e carinhos —
Para as outras, cheia de rosas
Para mim, cheia de espinhos.

Esta quadrinha é uma verdadeira joia, scintillando...

Um homem pratico.

ENTRE os poetas brasileiros, Raul Bopp é figura de incontestavel relevo. E' astro de primeira grandeza no nosso firmamento literario.

Aqui vae um soneto primorosamente lapidado pelas mãos do artista:

ABISAG

Que me queres, senhor? (Tremo a escutal-o.)
Por que buscaste no horto em que vivia
O meu corpo de tamara macia
Sem teres força para machucál-o?

No langor de esperar-te o ser exhalo
Com o meu beijo a morrer na bôcca fria.
Murcha-me o corpo em flôr que te queria,
Na pólpa do tapete em que resvalo.

Minha nudez palpita em fórma langue
Eu sou como a offerenda sem peccado,
A ansia de amôr circula no meu sangue.

Cresce ao chamar-te e queima por não vires!
Que te vale o teu throno, envergonhado
Da gloria inutil de me não possuires?!

* * *

POETA que anda sempre escrevendo no FON-FON, em paginas luminosas, Abgar Renault é possuidor de um rythmo original.

Faz versos sem rimas.

Ha ansias de infinito nos seus poemas:

Meu espirito palpita ao rythmo desordenado e afflicto
De azas prisioneiras que se dilaceram
Na arrancada impossivel de libertação e de altura.

E' um cantor de vôos altos, excelsos e gloriosos.

Apesar dos muitos poemas publicados, ainda tem muita cousa para dizer...

PAULO FREITAS

D. EULALIA adoecêra. A principio, o mal não apresentára gravidade. Pouco a pouco, foram-se manifestando indicios de molestia perniciosa, que despertava apprehensões...

Com voz pausada, o fleugmatico dr. Moreira, ao cabo de algumas visitas, pronunciára o seu parecer, na qualidade de representante da sciencia:

— A sua mãe tem maleita. Contrahiu essa doença á beira do ribeirão, quando lavava roupa.

— Deve ser isso.

O filho perfilhou a opinião do facultativo, consciente de que era acertada e tinha para robustecêl-a a autoridade inconteste do velho medico, modesto mas competente.

As margens do ribeirão constituiam desde muito tempo, um terrivel fóco de maleita.

Já prevenira á progenitora que escolhesse outro local para a labuta. Ella respondêra que sendo dotada de natureza forte como era, a doença não a atacaria jámais.

* * *

Lucio Mendes e sua progenitora viviam a vida dos pobres. Lutavam. Lutavam. Ella na penosa lida de lavadeira, elle no serviço obscuro e insipido de servente de pedreiro.

Moravam numa casinhola de um arrabalde da cidadezinha.

Seriam bem menos desprovidos de recursos, si o sr. Leandro Mendes tivesse nascido com a bossa de ambicioso.

O sr. Leandro, o fallecido marido de d. Eulalia, estava longe de ser um sectario da ociosidade. Distinguiu-se como pedreiro dedicado e expedito.

Mas, tudo quanto ganhava, lá se ia na voragem do desperdicio. Faltava-lhe o aferro ao dinheiro: a economia não o interessava...

* * *

A enfermidade de d. Eulalia desafiava a habil e calma personalidade de clinico que sempre fôra o dr. Moreira...

— E' muito grave o estado della...

O fleugmatico e risonho dr. Mario Moreira, ao enunciar o prognostico, viu cahir uma lagrima grossa dos olhos do filho entristecido. Era mais uma lagrima além das tantas que incessantemente, elle via brotar dos olhos de muita gente. Não o impressionaram mais. O espectaculo quotidiano e sediço da dôr alheia o tornára insensivel

— Vou receitar mais uns preparados optimos, de effeito certo Custam caro, mas são excellentes.

— Sim senhor.

— Fique tranquillo, que hei de curar a doente.

— Sim senhor.

O dr. Moreira possuia esta qualidade: o animo. Disséra as phrases alentadoras, confiante na segurança de seus conceitos.

* * *

O filho, com o papelucho entre as mãos, sentado, no limiar da porta, quedára absorto e prostrado. A adversidade os feria, a elle e á mamãezinha.

Somma crescida indispensavel á obtenção dos preparados tão necessarias. As finanças actuaes em seu

de gravata

lar, calculadas em alguns raros nickeis e pratinhas. O pharmaceutico, um magricela sardento, ambicioso e sovina, advertira-lhe que, emquanto não recebesse o que lhe era devido, segundo a conta apresentada — uma conta de cifras assustadoras, — elle não forneceria mais nada de graça.

Nesses tres phraseados tres dilemmas.

Lucio experimentava uma das verdadeiras amarguras da pobreza...

A mãesinha, dessa vez, viria decerto a ficar sem aquillo que a poria de pé forte, a proseguir no labor insano, mas dignificante, honesto.

* * *

— Agora, a senhora vae melhorar mesmo.

— E', Lucio?

— Garanto-lhe. Vêm um remedio bom...

— Que venham... Sinto-me tão mal...

O joven procurava encorajar a enferma, com uma affirmativa que não passava de hypothese. A mãe acreditára no que lhe asseverava o filho. Ella era incapaz de descrer de um filho solicito e pressuroso a tratal-a com o maior dos cuidados.

Ademais, o rapaz, por seu lado, enveredava pelo terreno da illusão, porque acalentava a esperança de obter os recursos de tanta necessidade. Haveria de tentar, haveria desfarçar-se nesse sentido...

* * *

O joven quiz providenciar para que a mamã fôsse recolhida á Santa Casa. Lá os remedios eram gratuitos, assim como as consultas. A manutenção, a estadia e outras liberalidades, os doentes as desfructavam no casarão vetusto, tradicional. Podiam considerar-se em plenas mansões familiares, sob o olhar bondoso e solerte de pessoas meigas e attenciosas.

Parecia-lhe, a Eduardo, que a santa casa seria um abrigo verdadeiro.

No emtanto, elle se enganava... quanto á idéa superficial que fazia do estabelecimento de caridade local.

Soubera, com assombro, estas novidades —, e para elle eram taes: os enfermos internados no predio da praça dos Pinheiros tomavam as doses medicamentosas de tres em tres, ou de quatro em quatro dias, os facultativos, os visitavam de mez em mez, a alimentação era deficiente, e outras coisas.

* * *

Fazia-se mister recorrer a outras medidas, que lhes valessem a elles, gente desprotegida.

O moço volveu a attenção para o que havia em sua casa... Insignificancias... Ah! não... E o alfinete de gravata finissimo, que lhe fôra dado por uma joven linda e rica, a quem amára e ainda amava? Sim... Sim... Uma historia de amor... Ora, o alfinete, vendido, renderia uma somma que supprisse a falta... do momento...

* * *

A historia sentimental em questão se desenrolára, com effeito, e de maneira não muito surprehendente.

ASSIS MORAES

(Continua no proximo numero)

ANNO NOVO —

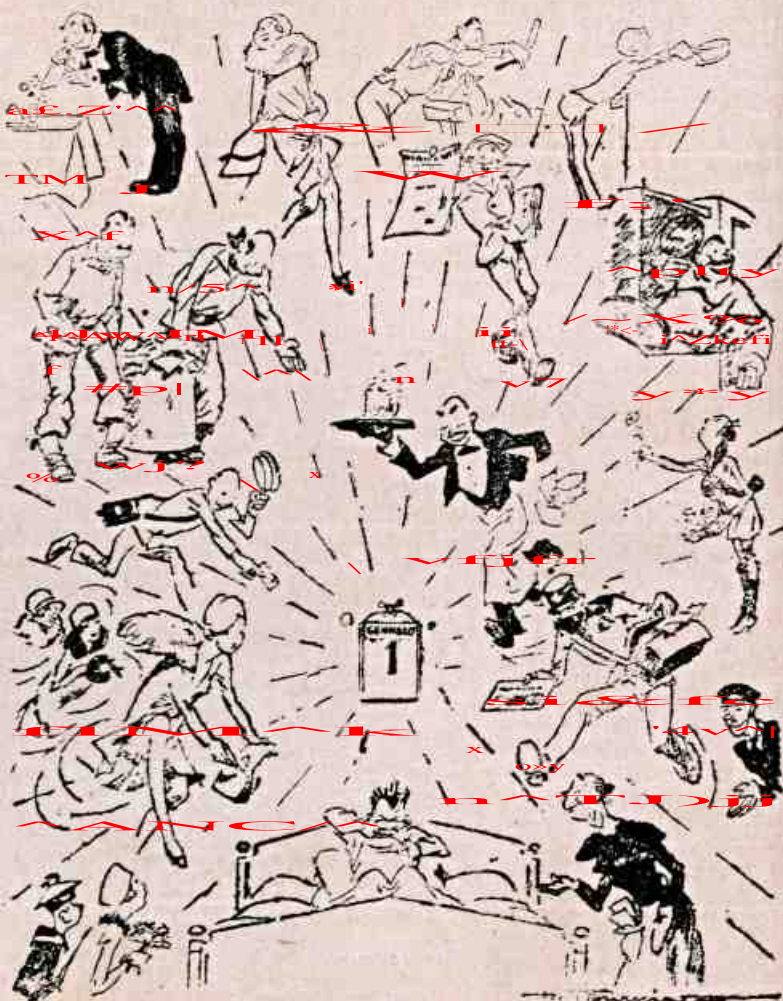
MORRE o velho 1933 sem deixar-nos saudades. E surge, cheio de covinhas e de sorrisos na cara alegre, o joven 1934, pleno de promessas e de esperanças, que renascem de suas proprias cinzas. Tudo será melhor e mais bonito, apesar mesmo de certos habitos ancestraes que se estabelecem entre todos os povos do mundo civilizado e que muitas vezes parecem ter sido criados unicamente para nos molestar desde a primeira hora do novo anno que desponta. E' o perú cevado, o lombo de porco torradinho e indigesto, os pasteis de nata e a tácita imposição das gorgetas, que se multiplicam com a multiplicação das necessidades forforjadas pelos nossos desejos de commodidade e bem estar, que já não têm limite. A noite de São Silvestro torna-se noite de pesadello, e não é somente consequencia do jantar ou do *réveillon* pesado, quando sonhamos com centenas de mãos estendidas a pedir a tradicional gorgeta.

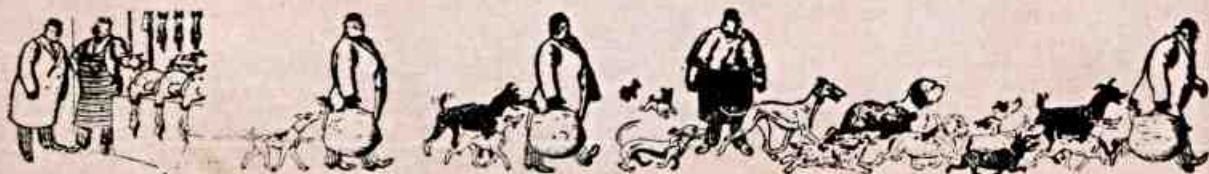
O fleugmatico inglez Williamson observa, com humorismo, que as gorgetas nunca estiveram tanto na moda como desde o tempo das greves e das campanhas que se fizeram contra este habito humilhante para a dignidade do homem.

O carteiro, por exemplo, entra na categoria dos incubos.

— Como?! — grita certo cidadão illustrado por Abel Faivre. — Durante o anno inteiro só me trouxe cartas anonymas e hoje tem o topete de vir pedir uma gorgeta?...

Mas é o carteiro, o soberano carteiro de quem mal conhecemos a voz e a cara, cujo nome ignoramos e que occupa todavia, um lugar importantissimo na nossa vida.

E' elle que cada dia nos traz o nosso quinhão de esperanças, de surprezas, de decepções. Quantas vezes o esperamos cheios de inquietações, almejando com ansia a

chegada delle com maior angústia do que a chegada do noivo ou da namorada! Elle, embora não ignorando o interesse que inspira a todos, é bastante sabio para não se envaidecer. O carteiro é um philosopho, alem de ser um grande psychologo em consequencia de haver observado com certa minucia o aspecto exterior de nossa correspondencia que basta para lhe dar uma idéa precisa dos nossos negocios das nossas relações mundanas e mesmo do nosso sentimentalismo. E' uma observação que o satisfaz sem lhe dar a idéa de intensificar as pesquizas.

Mas quer uma gorgeta no fim do anno, e é justo, justissimo, que se recompense largamente esse humilde e obscuro auxiliar que constantemente mantem ligados os fios de nossas existencias esparsas. Em troca de nossa generosidade elle nos dá um cartãozinho, em que estão estampadas algumas flores ou

VIDA NOVA

uma linda paizagem ao lado de um versinho cheio de votos felizes. Mas é o unico, entre a turba dos beneficiados do fim do anno, que tem a delicada intenção de nos estender uma mão votiva. Todos os demais recebem sem dar troco, e são muitos: o padeiro; o leiteiro, o lixeiro, o jardineiro, e os empregados, quer da casa, quer do escriptorio. Depois, vêm as crianças de toda a parentela os amigos, os 34 afilhados, o marido e a mulher....

O excellente esposo de Liloca, embaraçado, vae com um amigo comprar o presente que destina á mulherzinha:

— Como? — diz o amigo, com surpreza. — D. Liloca espera um automovel e tu lhe compras um collar de perolas?

— Por força! Comprehendes que não lhe poderia dar um automovel falso. Ella perceberia immediatamente.

No reparto das crianças as coisas attingem proporções de tragedia. Bibinho recebeu uma carroça cheia de brinquedos. Os tios, os paes e os que precisam agradar ao papae do garoto gastaram rios de dinheiro. Elle, soberbamente installado no quarto, onde se amontôam as mil maravilhas que a mecânica moderna poz ao alcance de nossos filhos e netos, armado de martello, declara, peremptoriamente, a sua ama:

— Vem cá! Vem ver como eu sei fazer funccionar todos os novos brinquedos que ganhei no dia Anno Novo.

Foi o massacre dos innocentes. Mas Bibinho ficou certo de ser um grande homem, pois tinha revelado o segredo de todos aquelles machinismos.

Tio Pedro foi o unico a escapar da hecatombe de seus ricos cobres. Chegou na manhã seguinte, sempre alegre e de bom humor, trazendo um embrulhinho de papel pardo.

— Ora, titio, muito obrigado! Por que foi se incommodar? A festa já passou.

— Abra! Abra! E' da melhor marca que ha: *bicabornato de sodio*, excellente para se tomar depois de tantos doces e jantares e *réveillons*,, que escangalham o estomago...

ITALA GOMES VAZ DE CARVALHO

CONCURSO DE MARCHAS CARNAVALESCAS

A CAFIASPIRINA BAYER, no intuito de concorrer para a maior animação do Carnaval de 1934, institue um concurso de "Marchas Carnavalescas", nas seguintes bases:

1.° — Os trabalhos apresentados pódem ser impressos ou manuscriptos.

2.° — As "letras" que acompanham as musicas não devem conter allusões pessoaes ou politicas, nem attentatorias á moral.

3.° — A CASA BAYER reserva-se o direito de modificar a letra, se a das musicas premiadas não agradar ao jury.

4.° — Na letra não é obrigatoria a allusão á CAFIASPIRINA.

5.° — O julgamento será feito por um jury constituido de musicos e cantores, cujos nomes serão publicados nas vesperas do julgamento.

6.° — A musica classificada em 1.° logar ficará constituindo exclusividade da CASA BAYER, para o effeito especial de execução em radio.

7.° — As outras musicas classificadas poderão ser publicadas pelos autores com a condição de trazerem a legenda — *Premio do Concurso Cafiaspirina*.

8.° — Os trabalhos concurrentes devem ser entregues no Radio Club do Brasil e trazer a legenda — *Concurso Musical Cafiaspirina*. O nome do autor deve vir em envelloppe fechado, trazendo por fóra um pseudonymo igual ao que assigna a musica.

9.° — *Haverá os seguintes premios:*

1 premio de	1:000$000
1 " "	500$000
1 " "	300$000
2 premios de	100$000

10.° — Os trabalhos serão recebidos até o dia 20 de Janeiro, devendo o julgamento realizar-se no dia 21 do mesmo mez.

saibam todos...

LUIZA, AMOR DIVINO (Minas) — Li attenciosamente a sua missiva de admiração pela minha pessôa. Depois de muitas palavras bonitas e amaveis, v. ex. me concede a honra de querer saber si sou feio ou bonito, velho ou moço.

Ora, o meu retrato anda por ahi, nas revistas. De quando em quando, elle apparece... O que se diz e pensa a esse respeito, eu nada sei ao certo. Mas, garanto que entro e saio do Jardim Zoologico, sem que seja perseguido pelos guardas... Ainda não houve um só que me quizesse fechar numa jaula — assegurando que ha outros peores, mesmo entre intellectuaes...

E a proposito, sei até de uma senhorita, que se julgava um anjo e que, não tendo encontrado pensão nem hotel, foi bater á porta do Zoologico, para morar alli.

Sabe que aconteceu?

Os macacos e os micos fizeram greve.

— Não é possivel! — guinchou um.

— Por que? — indagou o guarda.

E o outro macaco irritado:

— Porque essa moça é feia demais!...

— Mais feia do que nós! — gritam os micos.

— E vem pegar a sua fealdade na nossa familia! — protestou outro quadrumano, coçando-se todo.

— Bem! Bem! — tranquillizou-os o guarda. — Não é preciso barulho. Vou mandar a moça para a secção dos leões.

Mas, lá, as féras fizeram a mesma gritaria. Houve até tiros, facadas, urros, etc., etc.

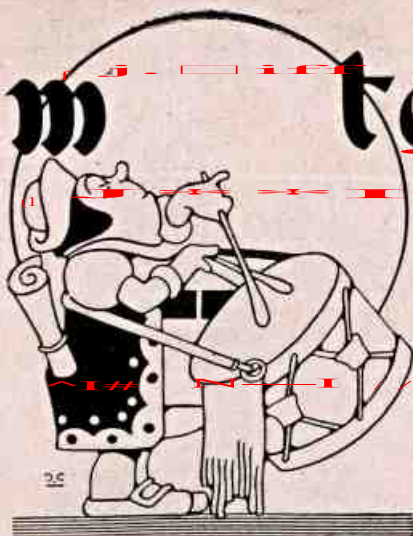
Como vê, d. Luiza Amor Divino, ha outros e "outras" mais feias do que eu. Não sou dos peores.

Quanto a ser velho, é outra coisa discutivel. Depende do ponto de vista e da mathematica das pessôas.

O homem tem a idade que deve ter; a mulher — a que lhe convem.

Sei de senhoritas que ha dezeseis annos tinham dezeseis. E hoje, essas mesmas senhoritas, estão apenas com quinze...

E' claro que não ha nisso uma allusão á sua pessôa, que assevéra, com essa coragem de quem não mente e talvez nunca mentiu: "Que sou criança é verdade, Yves, pois tenho apenas 15 annos"...

Bem. Espero que tenha tido um feliz natal e um bom Anno Novo. E de outra vez, quando se mostrar tão minha amiguinha, que ao menos tenha mais confiança no seu "amiguinho" — e me revele o seu verdadeiro nome e o seu endereço... Pois é evidente que as respostas á sua carta não poderiam ser dadas numa secção publica de revista. O assumpto de sua missiva é puramente confidencial.

DIRCÉA DE BRANDÃO (Capital) Aqui vae a sua missiva em verso:

O' Yves! Que bondade e complacencia!
Pois respondeste em verso a minha carta,
Dando-me o tratamento de "Excellencia".
Mas tão grande e gentil condescendencia,
Jamais, jamais, eu poderei pagar-t'a!...

Antes de tudo, eu fico agradecida
Pela honra que tu me dispensaste,
Mandando-me a resposta requerida...

Depois eu te agradeço, commovida,
Os conselhos que junto me enviaste.

Vejamos!... Dizes tu, primeiramente,
Que é uma grande imprudencia versejar,
Que isto causa transtorno tão sómente...
Mas é com isto, ó Yves, justamente,
Que eu não posso nem devo concordar.

Que mal me póde vir de andar rimando
Uns versinhos de pé quebrado ou não?
Emquanto os faço, o tempo vae passando...
O' Yves, versejar de quando em quando,
Ao contrario, é uma bôa distracção.

Quanto aos bolos de forno... Que inclemencia!...
Nesses tornidos dias de verão!...
Tu já fizeste, acaso, a experiencia
De passar duas horas da existencia
De sentinella, em frente dum fogão?

Depois não sou gulosa... E, quando o fosse,
Solução mais azada encontraria,
Pois bons bocados, cremes, massa doce,
Pasteis de nata, bolos, qualquer doce,
Eu iria comprar na padaria.

Emfim para o futuro eu te prometto
Pensar no caso, ainda, com vagar,
E, em vez de fabricar mais um soneto,
Ou concertar as rimas de um quarteto,
Uns bolinhos fazer para o jantar.

Terminando, uma vez mais te agradeço
Tantos conselhos bons, tanta attenção...
Mil perdões e desculpas tambem peço
E, sem mais cacetear-te, me despeço
E assigno-me

Dircéa de Brandão.

Agora, a resposta:

Parabens, parabens! A sua idéa
por si mesma, já vale uma epopéa!
— Em vez de perder tempo em versejar,
é mais util, talvez, d. Dircéa
fazer bolo e feijão para o jantar.

Deante da bôcca em chamma, do fogão,
preparando bolinhos ou feijão,
a mexer a panela com a colher
sra. d. Dircéa de Brandão,
provará que é de facto uma mulher.

"Trabalhar! — deve ser nossa divisa!
E' de outra gente que o Brasil precisa
para as suas idéas avançadas.
Nada de feminista, nem poetisa!
E' mil vezes melhor fazer cocadas!

Gostou?

P. L. (2) — Vejamos a carta que o sr. me dirige:

(Continúa na pag. seguinte)

"Yves: Acabo de notar, pela leitura do ultimo "Saibam todos..." que você não é uma creatura verdadeiramente intransigente!... Lê-lo por essa secção que você creou, eu o faço ha muito tempo, admirando-o forçosamente, pelo modo incorrigivel da sua recepção, a quantos procuram "Saibam todos..."

(Os meus attentados contra preceitos os mais rudimentares da bôa linguagem, você os desculpará, numa homenagem caridosa a um velho e simplorio leitor).

Admiro-o pela sua "verve" permanente, não implica que nutra por si um grande e desinteressado respeito, reconhecendo-o, sensatamente, um individuo em que qualidade e valor se associam — como consequencia, talvez, do seu proprio esforço. Conheço-o — de nome e pela photographia ligada modestamente ás ultimas paginas do seu conhecido livro "Suave Enlevo" — o sufficiente para saber que estou em presença de um advogado que se dedicou ás Letras e cuja personalidade, definida como está, já se elevou acima do vulgar! Não me illudo, pois, de que ao apresentar-lhe esta carta, entrego-me a uma falta que você se habituou a julgar: Importuna-lo...

Descubro porém, que você não é uma creatura verdadeiramente intransigente, e eis-me a repetir-lhe — por minha vez — um pedido semelhante ao que acaba de attender a uma gaúcha impetuosa — Eva Maria. E, demais, você poderá satisfazer-me com pouca cousa: — Dizer — em poucas palavras — o que a minha letra exprime, segundo a graphologia. Vivo de poucos rendimentos e espero que você não exija, neste caso, a justa remuneração (que eu, como confesso, não poderia fazer sem difficuldade).

Não deixarei de apreciá-lo, qualquer seja a resposta que se digne dar-me.

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62
Caixa Postal 97
Telephone: 2-4136

F O N - F O N — 6-1-934

Data da consulta...........

Nome do consulente..........

....

Attenciosamente seu,

Prefiro que responda para: P. L."

Meu caro. Na verdade, eu só faço graphologia das pessôas de minhas relações ou que me procuram pessoalmente. Entretanto, abro excepção para o sr.

A sua letra revela um temperamento accommodaticio, uma serenidade resultante da sua vontade fraca para a luta. As suas idéas são claras. E' emotivo. Intellectualmente, parece estacionario. O sr. possúe pouca faculdade de evolução, embora lute para vencer e combata o desanimo que o tenta dominar. Não é egoista. Mas, economico, de modo exaggerado. Espirito pratico, amigo das coisas materiaes. Socialmente dá bôa impressão de sua pessôa, pelas maneiras affaveis que o caracterizam.

PAULISTA (S. Paulo) — Oh! Infinitamente grato por tanta gentileza. Essa amabilidade tinha mesmo que vir de uma paulista bonita e distincta. Muito delicada a sua idéa e o bom gosto que teve com o seu mimo. Faço votos, egualmente, para 1934 lhe seja propicio em todos os sentidos, e que o seu Natal seja de risos e felicidades.

Yves

COMO SE PROVA O VALOR DA BÔA APPARENCIA

Os triumphadores

BARBEIAM-SE DIARIAMENTE

com a Gillette

O cuidado pessoal ajuda a vencer na vida. Acceite o auxilio das laminas GILLETTE, que lhe farão a barba com hygiene e conforto. Seu aço é o melhor que existe e a tempera é calculada a rigor. Têm dois fios agudissimos e duram muito mais que as laminas de imitação. Custam uma ninharia porque servem maior numero de vezes. Não hesite. Faça economia usando as legitimas laminas GILLETTE.

Gillette

GILLETTE SAFETY RAZOR CO. OF BRAZIL
Caixa Postal 1797—Rio de Janeiro

ANNO XXVIII

FON-FON

NUMERO 1

Rio de Janeiro, 6 de Janeiro de 1934

Director: SERGIO SILVA

O Poeta que negou a Esperança

LA' do seio da immortalidade, Hermes-Fontes deve ter visto, na passagem do terceiro anniversario da sua renuncia á vida, que o vazio moral do seu infortunio estava no homem em luta com o meio. O poeta, este sublimou-se.

Não é da natureza excepcional dos artistas accommodar-se ás condições da media normal da humanidade.

Mas Hermes tinha essa natureza mais exaltada ainda. Dahi a sua angustia, que floriu em poemas e negou a propria Esperança, o ultimo bruxoleio do lume da razão e da vida.

"Esperar? A adoravel penitencia...
A Esperança é a mentira
mais innocente e mais perturbadora
desta e da outra Existencia!"

Alguma coisa existe, que é superior á propria morte e que transcende á inquietação das almas, neste passeio curto, que vae do berço á campa.

Essa coisa não precisa ter nome. Integra-se no imponderavel da immortalidade.

E é desses dominios, que a alma estellar de Hermes-Fontes deve ter visto, em piedosa romaria ao seu tumulo, um pugilo de amigos vigilantes, celebrando a data do terceiro anniversario da sua morte.

Outros annos virão em augmento progressivo da gloria do Poeta. E o seu nome será o maior de quantos realizaram, no Brasil, o milagre da sementeira luminosa, florindo as searas do pensamento e as geiras do coração.

"Esperança, esperança... que mentira!
O' piedosa mentira da esperança,
ó piedosa mentira
dos que não têm mais nada que esperar..."

Sempre ha o que esperar, mesmo alem da morte e em continuação da vida.

Donde estás, meu Cantor singular, que negou a Esperança, baixará sobre nós a esta hora do tempo sem calendario e do espaço de ignoradas dimensões, o infinito da tua gloria de Poeta impar do meu paiz!

Rovina Cavalcanti

A MULHER CHIC

Creações Jean Patou

Robe du soir en «panne sauvage» de tons mure sauvage» et mauve. Bijoux de Van Cleef & Arpels.

(Photo especial para FON-FON).

PRIMEIRO EPILOGO

Sôbre o pardo granito
da Pyramide, um ibis escarlate
meditava, na ignea luz do Egypto,
como hieratico vate
com o olhar embebido no infinito.

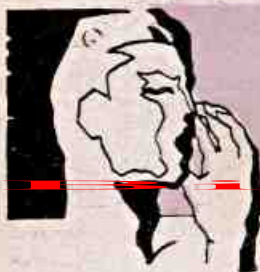
Meditava, mirando
a terra e o céu, que, sempre iguaes, brilharam
como elle os contemplava desde quando
nascêra, e os contemplavam
os velhos ibis do primeiro bando.

"Keops, Kephrén, Mykerinos,
Ramsés, Tut-ank-ammon, Cleópatra, Augusto..."
declamava, e outros nomes taes, divinos
outr'ora,... hoje, no adusto
pó, mudos, surdos, como rotos sinos.

Gritava a longa lista
— ambições, guerras, glorias, monumentos
das varias dynastias, em revista
passando — aos quatro ventos.
(Era um ibis philosopho e humorista.)

Mas nada se movia,
a redor, na offuscante natureza,
leiga em Historia... Só, longe, bravia
canção em prantos presa,
de um misero fellah lhe respondia.

E elle, em guinchos furtivos,
dando, então, a seu modo, uma risada,
cerrou, de tedio, os olhos pensativos,
[illegible] eterna morada
de mortos Pharaós — e de ibis vivos.

CARLOS MAGALHÃES DE AZEREDO

Alto-Falante

ENTRE o anno que morrerá amanhã e o que lhe vae succeder... mon cœur balance. E, apprehensivo, quasi afflicto, páro, um momento, nesta encruzilhada dos caminhos longos e tortuosos da vida, sem saber se me despeça, sorrindo, do anno que vae mergulhar no bôjo immenso do tempo, ou se chore sobre elle toda a saudade em que o envolve a minha inquietação interior.

Saudade?... Melancolia?... Por que e para que, se ahi vem o outro anno, o anno novo, cheio de esperanças, de surprezas, de illusões, de imprevistos?

A vida, parece, se renova e muda de ambiente sempre que se dá a transição de um anno para o outro.

O que desapparece quasi sempre tem aquelle estranho destino attribuido aos mortos: les morts vont vite...

Mas, será assim mesmo? Para muitos, talvez; para mim, não, porque penso e creio que os mortos é que mandam os vivos.

E, pensando, reflectindo bem, depois de vencida a metade da caminhada longa da vida, continuamos a marchar para deante apenas impellidos pelo nosso instincto, porque nossa alma e nosso coração mais nos impulsionam para traz, na ansia de volverem a determinados pontos de partida.

Anno novo... Mais uma interrogação fixada nos humbraes da vida, no dorso immenso do destino...

Mas, ainda assim, como toda a humanidade, eu o recebo, eu o acolho entre alviçaras, a esconder a lagrima furtiva, impertinente, com que a saudade da minha saudade — toda a alma e todo o sentimento da minha vida que ficam para traz — se despede de 1933.

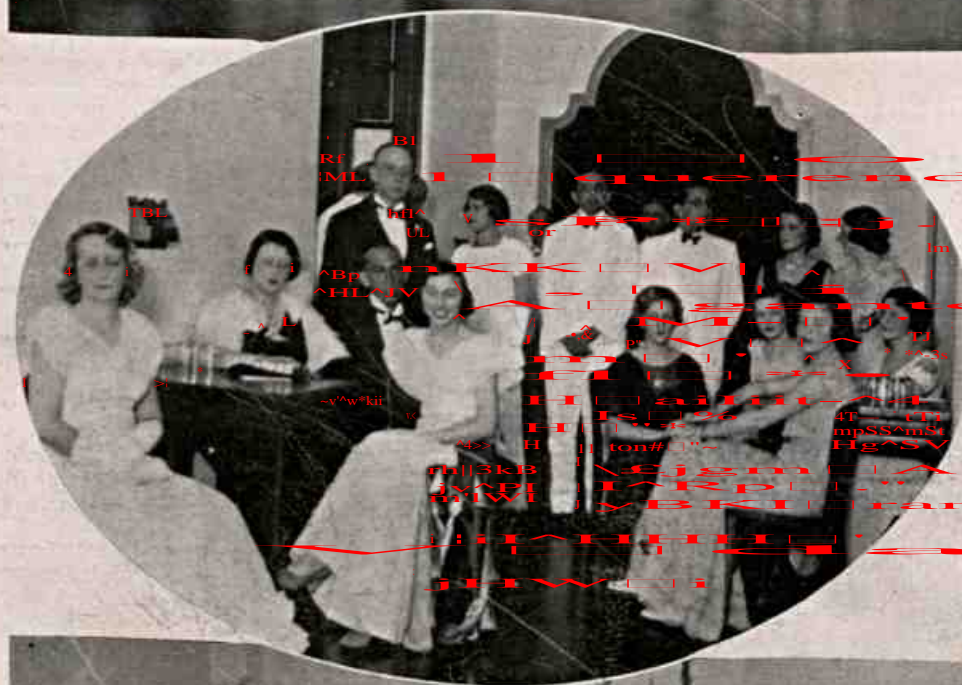
E que as bençãos e a protecção de Deus desçam, dadivosas e prodigas, sobre todos que, como eu, lhe pedem graça e amparo no anno que se vae iniciar..

30-12-933.

MAX LINDER

O dr. Napoleão Teixeira é um dos mais brilhantes elementos da turma que acaba de sahir da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro. Foi interno do professor Henrique Roxo, da Assistencia Municipal e da Maternidade das Laranjeiras. Pretende o novo medico, ora ausente desta capital, em visita a sua familia, dedicar-se, aqui, a estudos especializados dentro da sua profissão, depois de seu regresso do interior.

Concluiu o curso na Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro o nosso joven patricio Pedro de Alcantara Guimarães, que pertence á turma de bacharelandos de 1933, tendo collado grão na solennidade realizada a 8 de dezembro findo, no theatro João Caetano. O novo bacharel em sciencias juridicas e sociaes é uma intelligencia de expressivo fulgor, e como tal se distinguiu brilhantemente nos bancos academicos.

Tambem se formou em direito com a ultima turma da Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro o dr. Alberto Oakim, que sempre desfrutou de largo prestigio nos circulos universitarios, pela intelligencia, pela fidalguia pessoal e pelos dotes de coração. Fez um curso bonito e occupou, durante a vida academica, as mais destacadas posições, como elemento de real valor de sua grande classe.

O Tijuca Tennis Club, querendo festejar a entrada do Anno Novo, offereceu aos seus distinctos associados um «reveillon» deslumbrante. Os sumptuosos salões da elegante e conhecida sociedade se exhibiam féericamente illuminados, tendo recebido uma decoração especial, o que emprestava aos mesmos um aspecto verdadeiramente encantador. As Jazzs, por sua vez, muito concorreram para que os convivas se mantivessem num ambiente da maior animação, dançando sem cessar.

Este novo anno me bateu á porta com um sorriso enigmatico. Chegando-se a mim, numa atitude esquiva de amigo de poucas horas, perguntou-me, interessado: "Que fizeste, durante os doze mezes desse outro anno que passou?" E eu só lhe pude responder com esta phrase admiravel de verdade: "Soffri..."

Soffri... Passei sobre as amarguras mais pungentes com a virtude discreta de um apostolo.

Sorri ás minhas maiores desillusões com a indifferença forte de um sceptico. Não desanimei. Não corri ao sacrificio da humilhação com temores ao soffrimento.

Meus pés sangraram nas urzes de uma estrada ingreme, e não busquei artificios de lamentações.

As apparições do meu caminho me foram todas indifferentes. A obra cruel do desengano serviu-me de lição duradoura de heroismo, para os supremos panoramas da ingratidão.

Perguntar-me-ás, leitor amigo: "Venceste, então, o teu proprio destino?..."

Talvez... Como todas as obras intimas que se identificam com a vida do autor, as paginas do meu diario de confidencias, nesses ultimos tempos, revelam um aprendizado especial.

E' com enlevo que assisto á nova formação do meu complexo psychico.

Bôa parte da amargura que me envenenava a alma transformou-se em doce piedade por todos os que me odeiam.

O mysterio de uma grande desgraça é a resignação que preside ás ansiedades dos sentimentaes. Póde o homem de estudo resolver todas as questões dependentes da sciencia e da erudição.

Mas nunca se poderá defender das traições do seu proprio sentimentalismo.

E' certo, porém, que a vulgaridade moral, a incomprehensão e a deshumanização inutilizam as altas finalidades do trabalho filigranado do sentimento.

O aprendizado da dôr preceitúa no seu codigo a insensibilidade.

Sei bem que ha uma coisa negregada, a indiffreença, que constróe o senso logico da felicidade. Mas quanto custa essa indifferença...

A utopia que todos compomos mentalmente, ansiosos de um mundo melhor, é crise ideologica de aspiração. A humanidade gravita indefinidamente para o egoismo e para o sentimento. A linha recta, no campo da vida, curva-se, traçando sinuosidades, quando somos atacados por um morbo malefico a que se convencionou denominar — amôr.

Tudo constróe e destróe o amôr.

Preoccupo-me, desveladamente, com a influencia do amôr na organização physica, moral e social da humana gente. E' luta de morte, de vida e de belleza e de gloria, em que se empenha o instincto do homem para o fastigio ou para a decadencia. Todo o avultar de personalidade ou diminuição de caracter é consequencia do amôr.

Essa visão psychologica da historia da humanidade não é uma originalidade minha.

Provam-na os factos consumados, na infinita variedade da alma humana, através do curso das gerações.

Quando o destino nos traz o amôr, elle já está dentro de nós mesmos, impregnando-nos da sua acção de heróe maravilhoso. E a desprevenida curiosidade com que o acolhemos é o filtro encantado que nos ha de embriagar para a concepção de todas as loucuras.

Eu tenho visto e soffrido o amôr com um impressionismo de estheta incorigivel.

E nunca fui feliz senão ao jugo da sua tyrannia. Recompondo a minha vida passada neste ultimo espaço de tempo, descubro a figura immaterial da saudade que me acompanha por toda a parte. Aqui ella está, mansa, bondosa, sentindo o meu recolhimento e a minha tristeza.

Fiel ás minhas vigilias, sinto-a a toda hora, junto aos meus disciplinados dias de solidão.

A sciencia do isolamento muito mais nos ensina do que o contacto com milhares de almas.

Porque o raciocinio puro, surprehendendo a mágoa ou a verdade, faz descobertas que as leis principaes e communs a toda a natureza, ás vezes, não determinam.

A minha saudade é o sonho derradeiro do meu amôr. O que me fala a sua nostalgia é uma dôce luz para as trevas do meu desprendimento. Vivificando a minha imaginação, crêa personagens de romance, povoando o meu mundo interior de illusões.

A paixão violenta que imprime novos rumos á nossa vida e que nos leva ao heroismo ou á felonia, manda-nos, empós soffrimentos incriveis, a procurar e a pousar a saudade.

E a saudade não foi ainda banalizada, nem mesmo pelo mazoquismo espiritual de certos amorosos.

A sua origem é profundamente suggestiva. O seu poder se assignala por um esquecimento dos defeitos numa exaltação de virtudes e ternuras. Certa vez, dizia-me um pobre apaixonado: "Eu consigo esquecer os meus tormentos de amôr, evocando a maldade das minhas amadas..." Desgraçado meio de menos padecer! Eu, porém, cultivo a minha saudade com um religioso carinho. Alchimista prodigioso, o meu coração transforma as diabeticas investidas das desgraças de amôr em delicadas grandezas moraes, que a saudade estyliza, subtilmente.

E tu, meu amôr, revestes a fórma de uma radiosa figura de legenda, até quando me desdenhas em brutaes reviravoltas de rancor...

Com indulgente vagar, a propria desgraça se converterá em felicidade.

A minha desgraça és tu — felicidade, cicatriz, saudade, amôr...

Flagrantes do «reveillon» offerecido pelo Country Club aos seus associados para festejar a passagem do anno. Foi, como se vê, rutilante e alegre a noite de S. Sylvestre na séde do Country, que se encheu, para a grande commemoração, de figuras distinctas da nossa sociedade.

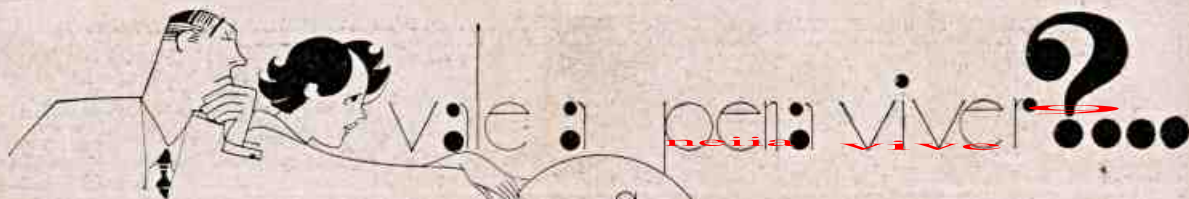
A PASSAGEM DO ANNO

Deslumbrante, sob todos os aspectos, foi o ambiente em que decorreu o «reveillon» de Anno Bom do Copacabana Palace. Nos amplos e luxuosos salões do grande hotel, brilhava uma multidão, elegante e fina, composta do que o Rio possúe de mais distincto. A decoração

interna, as luzes, as flores, a alegria estonteante dos jazzs — tudo isso concorreu para que a passagem do anno velho para 1934 fosse commemorada, pelos que ali se achavam presentes, com uma animação delirante. Nestas duas paginas de FON-FON apparecem varios flagrantes da sumptuosa festa do Copacabana.

NO COPACABANA PALACE

Vale a pena viver?...

a nova enquete de FON-FON

OS systemas philosophicos que, depois do israelita Spinosa, se fôram desenvolvendo e espalhando no mundo occidental até o seculo XIX tiveram todos um fundo materialista, mesmo quando se apregoavam idealistas, e apresentaram sempre os mais acentuados caracteristicos analyticos. Elles analysaram o universo, o nosso planeta, o homem e a physionomia interior do homem. Nessa critica continuada, tudo foram despindo, descobrindo, descarnando até que deixaram o individuo inteiramente isolado e enfraquecido no ambiente da vida.

Projectando-se nas manifestações da literatura, sobretudo na poesia, essas philosophias geraram o scepticismo, o pessimismo, o saudosismo, o penumbrismo e outras fórmas de tristeza e de decadencia. Assistimos ao espectaculo das carpideiras literarias. Todas achavam que era tempo de morrer, que só o passado fôra grande, fôra bello, que nada mais funesto do que o nascimento. Depois, seguiram-se os cultores do que se chama ironia e que não passou de desdem da vida.

A Grande Guerra encerrou em sangue esse periodo de desfibramento. E, se nella houve heróes e martyres, é que se não haviam perdido de todo, nas camadas do povo, as virtudes ancestraes. Ella abriu a tiros de canhão uma era nova, e este seculo, para as gerações que despontam, é um seculo de luta, mas de optimismo, de fé na victoria.

Procedendo a um inquerito entre as mais altas figuras da vida social e cultural brasileira sobre se vale a pena viver, nós esperamos que as respostas dêem bem a medida do sentimento actual a esse respeito.

A RESPOSTA DO DR. FERNANDES TAVORA

A pergunta, simples, á primeira vista, é na verdade a mais complexa e difficil que se poderia formular, porque envolve nada menos que os destinos do mundo e do homem, eterna e dupla interrogação que vêm fazendo, ante o ignoto, as innúmeraveis gerações humanas.

E assim continuaremos, porque á razão parece para sempre defeso penetrar os humbraes desse grande mysterio.

Claro é que me não proponho sondar as regiões onde a nossa vóz e os nossos anseios se perdem sem éco...

Valho-me dos pensadores; e, do que nelles aprendi, como do que me vem ensinando a biblia humana, procurarei deduzir algo que represente o meu conceito sobre a vida, ergo, se vale a pena viver.

Muito jovem ainda, li, numa anthologia ingleza que me deram a traduzir, no Collegio, esta phrase, que me ficou na memória:

"Man is but a schdaw and life a dream."

Não comprehendi, então, nem poderia comprehender, porque o homem seria apenas uma sombra e a vida um sonho, como lá estava na linda phantasai da "Visão de Mirza".

Annos depois, deparei, numa formosa pagina de Chateaubriand, esta tremenda sentença que me deixou a scismar: "Homem, tu não és mais que um sonho rápido, um sonho doloroso; só existes para o soffrimento; não és alguma coisa senão pela tristeza eterna de tu'alma e eterna melancolia de teu pensamento."

Dôr, soffrimento, melancolia...

Desta vez, comecei a comprehender, porque na estrada já encontrára aculeos e na minha alma já pairavam sombras.

Continuei a caminhar; e, no convívio das sciencias naturaes, adquiri a noção de que tudo quanto existe tem como ponto de partida esse phenomeno primordial, simples, irreductivel e commum, que se chama — vibração.

E affirmando a physica que a natureza não faz saltos, disso deduzi que a vida não passava de um conjuncto immenso de vibrações, de especificidade crescente e admiravelmente organizadas, cuja expressão maxima se traduziria na consciência, phenomeno capital e supremo do universo.

Nessa ordem de idéas, a morte seria apenas "a sombra da vida, uma existencia deformada, poeira dynamica, em constante instancia de revitalização".

Aos meus verdes annos essa explicação satisfazia, porque eu pensava, naquella idade de enthusiasmos fáceis, que os naturalistas possuíam a chave dos enigmas do cosmos.

Cedo, porém, comecei a duvidar da palavra dos sábios, e volvi a ler, mais cuidadosamente, o grande livro da vida.

Se assim fôsse, perguntei a mim mesmo, que lucrára o homem com essa extraordinária acquisição da consciencia, perpetua sentinella a bradar-lhe, implacavel, a realidade e a grandeza da sua dôr?

Anatole France, esse mestre subtil do scepticismo, confessou que, no meio das illusões em que todos vivemos, só o soffrimento tem fóros de realidade e que "l'humanité a la conscience obscure de la douleur."

Muito antes delle, já o christianismo affirmára que a dôr é o symbolo da redempção; e a experiencia nos demonstra que nenhum soffrimento se perde, porque, á margem da rota cruciante do infortúnio humano, medra, silente e occulta, a flor do bem.

Morte nihil melius, vita nihil pejus, escreveu, como divisa de seu livro, um pessimista do século XIV. Não seria, porém, difficil absolver esse desilludido, sabendo-se que elle viveu numa época de insegurança e tyrannia, e philosophava sobre a vida e a morte, quando a peste negra, num açoite inclemente, flagellava a Europa e parecia querer dobrál-a toda ao chão do cemitério.

Quanto a mim, chego ao outomno da existencia na convicção desta verdade: Christo, no drama do Cálvario, deu-nos o sentido da vida e a razão da morte.

Tudo está em comprehender esse sentido e essa finalidade.

Para os crentes, a vida se resolve numa purificação; para os scépticos, numa resignação, que é, muitas vezes, synonima de philosophia.

Isso vale dizer que uns a desejam, outros com ella se conformam, e talvez mesmo a bemdigam, nos momentos fugazes de felicidade.

Ha em todos nós um secreto pendor que nos impelle para o além, como se nessas longinquas plagas do invisivel algo houvesse de preencher o vazio que sentimos n'alma!

Era isso que eu já proclamava, na minha these de doutoramento, quando ainda sob o influxo do agnosticismo scientifico: "No irizado vergel dos seus sentimentos, que lagrimas irroram, alimenta o homem esse sonho cruel chamado nostalgia do infinito, sublime e vago delirio da consciência angustiada, que se alteia nas azas da imaginação, em busca das regiões da eterna luz."

(Conclúe na pag. seguinte)

Teve grande brilho mundano o «reveillon» de Anno Bom nos salões do Botafogo Football Club, onde se reuniu, na noite de S. Sylvestre, figuras de expressivo destaque na sociedade carioca.

VALE A PENA VIVER?...

(Conclusão)

Se a humanidade sente, embora obscuramente, a necessidade do aperfeiçoamento; se este é fonte inexhaurivel de energia e de purificação; se ha em cada coração um templo para o amor e em cada consciencia um altar para o culto eterno de Deus ou da belleza, por que morrer, se o mundo é bello e a propria dor dignifica a vida?

Feliz quem eternizou, num verso, essa alta e nobre aspiração do espirito humano:

"A thing of beauty is a joi for ever"!

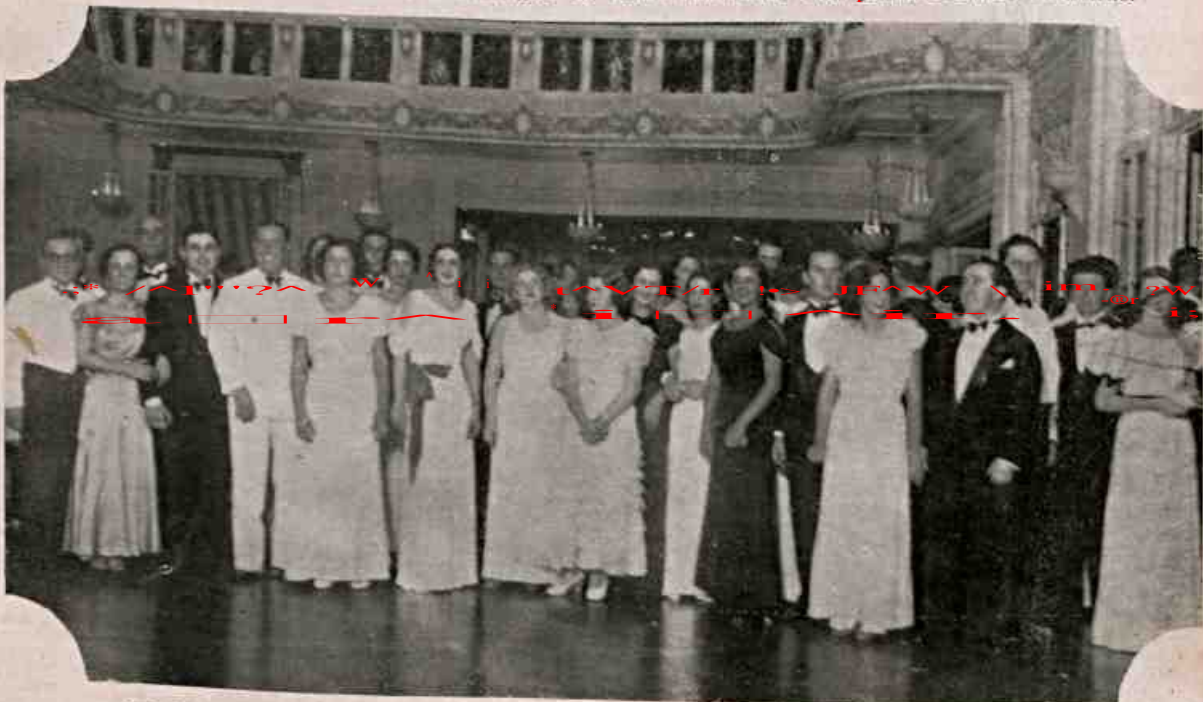
Haverá alguém tão desventurado que passe pela vida, como sombra, sem nella encontrar um motivo de belleza?

Não o creio.

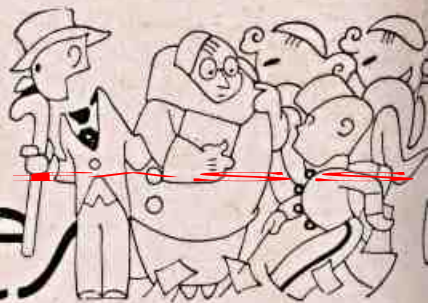
Por isso, julgo que, mesmo para aquelles desditosos "que entram na vida pelos seus desertos", e os que não erguem o pensamento acima do misero pó em que se atormentam, vale a pena viver.

Rio, junho de 1933

Fernandes Tavora

Sahirão no proximo numero as respostas do barão de Ramiz Galvão, presidente da Academia Brasileira de Letras, do sr. Souza Dantas, embaixador do Brasil em Paris, e do pintor Antonio Parreiras.

Não foi menos esplendido o «reveillon» com que o Fluminense F. C. festejou, na sua linda séde, a passagem do anno. O «cliché» focaliza um aspecto dessa bellissima reunião.

M E X I C O

Teve a mais alta expressão de cordialidade, consolidando ainda mais as relações de amizade fraternal entre o México e o Brasil, a recente visita ao nosso paiz do illustre chanceller mexicano, ministro Puig Casauranc, que durante alguns dias foi nosso hospede juntamente com sua exma. senhora. Muitas e significativas homenagens recebeu nesta capital o distincto casal Puig Casauranc, que se viu cercado de attenções por parte não só do governo brasileiro, mas, tambem, da nossa alta sociedade e de elementos estrangeiros radicados em nosso meio. O ministro das Relações Exteriores, dr. Afranio de Mello Franco, offereceu, no palacio Itamaraty, um banquete em honra do senhor e senhora Puig Casauranc, tendo comparecido a essa festa, além dos diplomatas homenageados, altas figuras do governo, da diplomacia e do «grand-monde» carioca, que se vêem no [illegible] primeiro «cliché», ladeando o ministro das Relações Exteriores do México e exma. senhora. Tambem o embaixador do México nesta capital e exma. senhora Alfonso Reyes recepcionaram, no palacio da embaixada, o casal Puig Casauranc, que teve novo contacto com a nossa fina sociedade numa festa da mais alta distincção, como costumam ser as do palacete da rua das Laranjeiras. Num dos «clichês» de baixo, vê-se um flagrante da recepção do casal Alfonso Reyes. A outra photographia desta pagina é um aspecto da assignatura do Tratado de Extradicção e do Convênio para a revisão dos textos de ensino de Historia e Geographia, entre o Brasil e o México, funccionando no acto, como plenipotenciarios dos dois paizes, os respectivos chancelleres, drs. José M. Puig Casauranc e Afranio de Mello Franco.

B R A S I L

CONCURSO DE "MAILLOT"

NO dia 21 do corrente (domingo) vae realizar-se, no Lido, em Copacabana, o annunciado concurso do maillot, que FON-FON e a alta administração daquelle restaurante organizaram, sob o patrocinio da Associação Brasileira de Imprensa.

* * *

As inscripções estão abertas, nesta redacção, na S. A. Viagens Internacionaes (Avenida Rio Branco, 21) e no Lido. Só se admittem concurrentes femininos.

* * *

Varios brindes custosos serão offerecidos aos cinco concurrentes primeiro collocados, destacando-se, entre outros, cuja relação publicaremos opportunamente, o da S. A. Viagens Internacionaes.

* * *

O jury será composto de jornalistas e figuras da alta sociedade, sob a presidencia de Herbert Moses.

* * *

Seguindo-se o julgamento do concurso, haverá um almoço dançante, no Lido, o qual marcará uma novidade mundana verdadeiramente encantadora.

* * *

O concurso de maillot, bem assim o de pyjama, são a great attraction do verão.

REVEILLONS DE ANNO NOVO

COPACABANA-PALACE, Lido, Urca, Botafogo F. C., Tijuca Tennis Club, Fluminense... Por toda a parte, as despedidas do anno velho e os votos de felicidade para o anno novo, manifestados entre taças de *champagne* e musicas carnavalescas. Hora dos *reveillons*, da alegria esfuziante, dos grandes enthusiasmos sinceros ou fingidos...

* * *

O Copacabana esteve á altura de suas tradições. Attrahiu os *habitués* de suas festas annuaes, quando se encontram o velho e o novo anno, amavel pretexto para algumas horas felizes.

A orchestra esgotou o repertorio das musicas do carnaval, antecipando assim as alegrias da grande festa predilecta dos cariocas.

A Urca o Lido, o Botafogo fôram outros centros de animação e de enthusiasmo.

* * *

O Copabacana apresentou a seguinte brilhante sociedade: senhora Carlos Guinle, senhora Rosalina Coelho Lisbôa, senhora Salgado Filho, senhor Octavio Guinle, senhora Mario de Castro, senhora Gabriel Bernardes, senhora Al-

ANNO NOVO

O tempo desprezou a ultima folhinha do anno. E indifferente, numa noite de chuva melancolica, entrou a dar-nos outros dias iguaes, de que já se vão algumas dezenas de horas, emquanto avançamos para o futuro, de olhos fechados e coração palpitante.

Que não trará o Anno Novo? Na vida, somos um continuo desejo, uma ardente aspiração. E nada mais.

Está ahi o novo anno. A differença, que acaso se offereça, procede de nós, não do tempo.

E como a paisagem de Amiel reflecte o nosso angustiado espirito ou a nossa dourada alegria.

Naquella meia noite de 31, quando chovia tanto e o céo nem uma estrella accendêra para a nossa festa, havia muita gente,

varo de Teffé, senhora Raul Wellisch, senhora Rose Mary Wenischeuk, senhora Alberto de Faria Filho, senhora Alice Gibson, senhora Roberto Campbell senhora Luiz Modiano, senhora F. P. Carneiro da Cunha, senhora Mauvel Gusmão, senhora Marcos Carneiro de Mendonça, senhora Americo da Silva Pinto, senhora Sebastião Cerne, senhora José Amado Junior, senhora Sylvio Piergile, senhora Renato Lago, senhora Alberto Otto, baroneza de Saavedra, senhora Americo Pinto senhora M. Lima Rocha, senhora Aristarcho Lopes, senhora Marcos Inglez de Souza, senhora Ribas Carneiro, senhora Fritz de Siqueira, senhora Claudio de Souza, senhora Luiz Pereira, senhora José Maranhão, senhora Alvaro Cunha, senhora Lamenha Luiz, senhora Gilda Rego Barros, senhora Francisco Lampreia, senhora João Borges, senhora Brito Cunha, senhora Oswaldo Ferraz, senhora Bica de Almeida, senhora Vasco Leitão da Cunha, senhora Aarão Reis, senhora Odilon Pedro Ernesto, senhora Alfredo Schwartz, senhora Danton Coelho, senhora Fernando Séguier, senhora Vieira de Castro, senhora Dolabella Portella, senhora Rubens Palmer, senhora Cte. Ouro Preto, senhora Alvaro Cunha, etc. e senhoritas Heitor de Mello, Heloisa Tigre de Oliveira, Gilberto Amado, Maria Rodrigues Pereira, Martha Bueno de Andrade, Lucilia Noronha, Ruth e Helena Lisbôa, Gabriella Taylor Malvine Dolabella Portella, etc. etc.

UM COCKTAIL DA ASSOCIAÇÃO DOS ARTISTAS BRASILEIROS

HOJE, ás 17 horas, na *terrasse* do theatro João Caetano, a Associação dos Artistas Brasileiros offerece um *cocktail* aos chronistas mundanos da imprensa carioca para apresentação do programma do grande baile de carnaval, que a mesma Associação vae realizar.

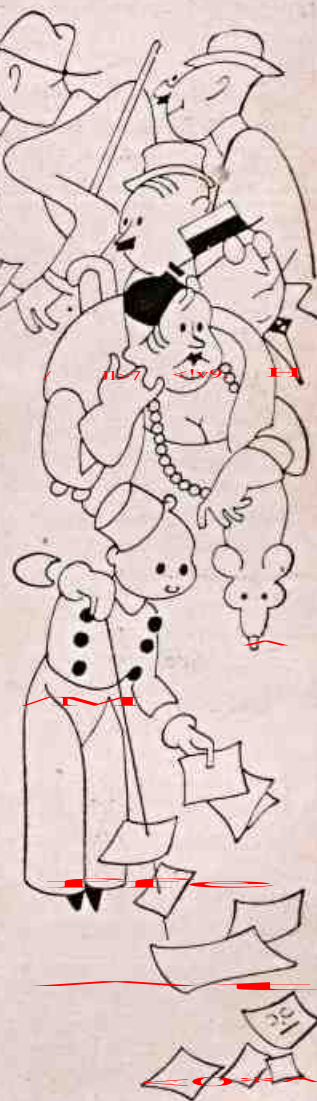
A brilhante entidade é composta de uma prestigiosissima pleiade de homens de letras e de artistas, em geral, com uma actuação excepcional no seio da sociedade carioca. E' de esperar, pois, um retumbante exito para o seu projectado grande baile, a realizar-se no sabbado, 27 do corrente, no Theatro João Caetano, que, para esse fim já é objecto das indispensaveis obras de adaptação.

O *cocktail* desta tarde deve marcar, pois, uma hora de convivio espiritual e de sadio epicurismo.

NO ITAMARATY

O senhor Afranio de Mello Franco, ainda ministro das Relações Exteriores, offereceu, no Itamaraty, um jantar ao seu eminente collega, o senhor ministro das Relações Exteriores do Mexico e á senhora Puing Casauranc. Tocou, durante o jantar, uma finissima orchestra de professores. Ao *champagne*, fôram trocados brindes muito cordiaes, entre os dois illustres chancelleres.

* * *

Participaram do jantar diplomatico, alem do homenageante e dos homenageados, o ministro das Relações Exteriores da Colombia e a senhora Urdaneta Arbelaez, o embaixador do Mexico e a senhora Alfonso Reyes, senhor e senhora senador Genaro Vasquez, doutor Victor Andrés Belaundre, doutor Guillermo Valencia, senhor e senhora Alberto Ulloa, senhor e senhora Luiz Cano, ministro Rodrigo Octavio, embaixador e embaixatriz Cavalcanti de Lacerda, doutor Gregorio da Fonseca, doutor Ruben Rosa, ministro Mauricio Nabuco, doutor Raul de Almeida Magalhães commandante Americo Pimentel, ministro Gurgel do Amaral, senhor Carlos Gordilho, senhor Adolfo de la Lama, senhora Rubens de Mello, doutor Juan Corrêa Nieto, commandante Pereira Machado, senhor e senhora Walter Sarmanho, senhoritas Lucie Grandmasson e Rosa Pimentel, doutor Orlando Rosas, doutores Mello Franco Filho e Alencastro Guimarães, capitão Sadock de Sá.

em cujo coração estiava e brilhavam myriadas de luzes celestiaes.

Quantos, porem, não sentiram dentro d'alma pesados aguaceiros, violentos temporaes!

Anno Novo... Anno Bom...

E' o tempo vae seguindo, seguindo...

Viajamos num comboio, sem passagem de volta. Marcha veloz. A paizagem vae ficando. E comnosco, para a frente e para o desconhecido, quando muito segue a memoria dos riscos da viagem.

Anno Novo... Uma estação adeante. Uma parada breve, na desventura ou na felicidade.

Anno Bom... Estação da alegria. Muitas vezes uma simples aldeiola. Um rancho na matta. Uma casinha de caboclo...

LUCIA

LUX-JORNAL

MEUS amigos Mario Domingues e Vicente Lima fundaram, ha pouco tempo, um serviço de utilidade publica, a que deram o nome simples e suggestivo de Lux-Jornal.

Uma novidade para o Brasil. Novidade, que a gente comprehende agora a enorme falta, que fazia.

Lux-Jornal é uma organização perfeita no seu genero. Trabalha com recortes de jornaes e dá conhecimento aos seus clientes de tudo quanto lhes interessa saber e foi publicado na imprensa do Brasil.

Como só, neste ultimo lustro, occorreu aos dois citados confrades a realigação dessa iniciativa!

Lux-Jornal é uma especie de secretario, com todas as qualidades e nem um dos defeitos peculiares a essa classe de servidores profissionaes.

Como está organizada, e é evidentemente um modelo de organização, Lux-Jornal se impõe a todas as actividades, desde a puramente diletante dos artistas ás mais prosaicas e utilitarias do homem de negocios.

Ha coisas assim, no Brasil, que espantam por ser novidades.

Principalmente a nós, jornalistas, que nos alimentamos do producto da nossa curiosidade, bisbilhotando em todos os sectores da vida alheia, surprehende a morosidade com que o paiz vae admittindo certos serviços, que a pratica immediatamente considera indispensaveis.

Esse o caso da Lux-Jornal.

LUCIANO

UMA RECEPÇÃO NA EMBAIXADA DO MEXICO

AS secções mundanas embandeiraram em arco, quando noticiaram a recepção que o embaixador do Mexico, senhor Alfonso Reyes, offereceu á sociedade carioca, uma destas tardes, no palacio das Laranjeiras.

O senhor Reyes é o diplomata mais sympathico do mundo para os homens de letras. Trata-se de um irmão espiritual, que as exigencias do protocollo não alteraram nunca.

Embaixador e confrade? Não. Confrade e embaixador...

* * *

A recepção foi em homenagem ao ministro das Relações Exteriores do Mexico e á senhora Puig Casaurane. Estiveram presentes, entre outras, a senhora Francesco Lequio, a embaixatriz Haydin, a senhora Salgado Filho, a senhora Rubens de Mello, a senhora Walter Sarmanho, a senhora Carmen Siqueira, as senhoritas Sisi Michelet e Carmencita Martinez.

AUTOMOVEL CLUB

CONTINUAM animados os preparativos para o baile, que se vae realizar nos amplos e luxuosos salões do Automovel Club do Brasil, na segunda-feira de Carnaval.

A' frente da iniciativa, que tantos enthusiasmos tem despertado no seio da alta sociedade carioca, estão nomes de fulgurante prestigio nas altas rodas.

Diz-se que esse baile no Automovel Club vae supprir a falta do baile official, que a Prefeitura vem realizando, nos annos anteriores, no Theatro Municipal.

O programma dessa grande festa carnavalesca tem proporções collossaes. E' de esperar, pois, que a realização do projectado baile seja o *clou* do Carnaval deste anno.

O Automovel Club offerece as melhores condições para que o seu exito seja completo.

Aguardemos, portanto.

5 DA TARDE, NO PONTO CHIC

AS casas de chá, nos dias de chuva, são o refugio das senhoras, que não têm o habito de cumprir, quotidianamente, o dever social do *five o clock tea*. Enchem-se, por isso mesmo, nesses dias, mais do que de costume. E é interessante apreciar o aspecto desses estabelecimentos, que são verdadeiras vitrines animadas da moda e da elegancia.

Toda semana passada, com a nota festiva do Natal e do Anno Bom, foi assim chuvosa.

As casas de chá encheram-se. Mas, nem todos os nomes eram familiares á penna do chronista.

* * *

O Ponto Chic, em pleno fastigio de suas antigas tradições, reuniu todas as tardes, de 5 ás 7, uma brilhante sociedade.

A senhora professor Eduardo de Piro tomava chá com a senhora Herminia Russo Girardelli, residente em S. Paulo, ora em passeio nesta capital, e uma das vozes mais lindas do Brasil. A senhora Latif Karam, tambem residente na Paulicéa, lá estava na companhia de sua irmã, a senhora Emilie Oakim.

E mais as senhoritas Conceição Faria, Martha Cavalcanti e Rosalia do Monte.

A orchestra do Ponto Chic tocava uma bonita valsa viennense. A sala repleta. E o chronista não reconheceu mais ninguem.

A chuva cahia copiosamente...

LIDO

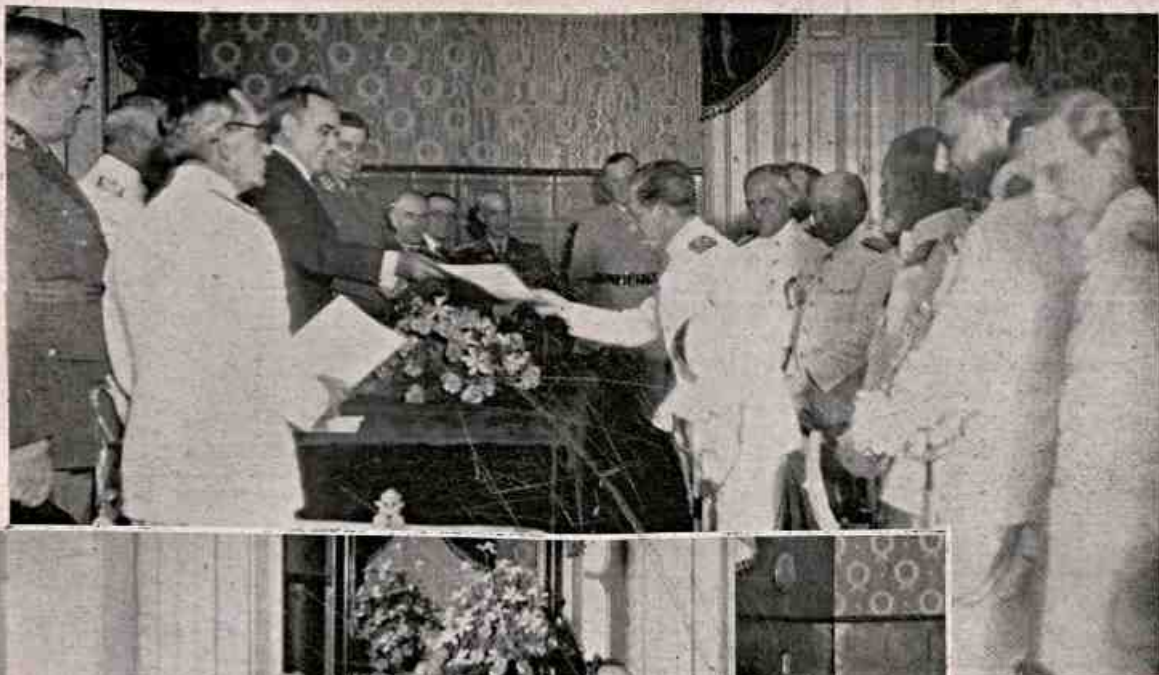
FOI uma noite inesquecivel a de 31 de dezembro, no Lido. Raramente um *reveillon* de fim de anno attinge aquellas proporções de enthusiasmo, sem prejuizo da elegancia. O salão, repleto; as *terrasses*, cheias. E uma atmosphera de alegria, contagiosa, que fez dizer a uma encantadora vizinha da mesa do chronista:

— Este *reveillon* é o apperitivo mais completo do carnaval.

Na verdade, o Lido delirava...

* * *

A' meia noite, a illuminação piscou duas vezes. Era o signal da agonia do anno. A orchestra tocou o hymno nacional, entre vivas e exclamações da sociedade elegante, que toda de pé saudou o 1934, animando os seus votos de felicidade, num fremito de alegria ruidosa.

Não foi possivel ao chronista guardar todos os nomes presentes ao grande *reveillon*. Ainda assim, lembra-se de ter visto: o senhor e a senhora Toscano Espinola, a senhora Gustavo Barroso, o senhor e a senhora Pinto de Moraes, o senhor e a senhora Povina Cavalcanti, o senhor e a senhora Catta Preta.

Na Escola de Guerra Naval realizou-se sabbado ultimo, sob a presidencia do chefe do governo provisorio, a cerimonia do encerramento dos cursos daquelle estabelecimento, sendo entregues, então, pelo dr. Getulio Vargas, os diplomas aos officiaes alumnos que acabam de deixar a Escola. Focaliza a nossa gravura dois aspectos da solennidade.

Em solennidade realizada a 26 de dezembro findo, na Escola Polytechnica do Rio de Janeiro, a Academia Brasileira de Sciencias fez entrega, ao dr. Miguel Osorio de Almeida, do premio Einstein, que esse scientista patricio conquistou com as suas pesquisas sobre «a excitação electrica dos nervos e dos músculos».

Aspecto da sessão realizada na Associação dos Empregados no Commercio do Recife, por occasião da passagem, por aquella capital, da bandeira integralista chefiada por Gustavo Barroso. Photographia tomada quando falava o dr. Lameiro Júnior.

Os integralistas da bandeira chefiada por Gustavo Barroso saudando, da tolda do «Alagôas», o rio São Francisco.

INSOMNE

De noite, no leito, debato-me, cheia de angústia e de inquietação, presa da insomnia mais atróz.

Tenho os olhos abertos, na penumbra quasi escurido, que enche o meu quarto rosa. Fraca, penetra, através a veneziana velada pela renda da cortina, a luz de um combustor electrico, na calçada fronteira.

E eu não durmo, eu não consigo dormir na minha cama turca tão macia.

Chove muito, lá fóra. A noite é fria, tempestuosa, noite de inverno no começo da primavera.

Faz-me muito mal este barulho de chuva cahindo lá fóra, na "marquise" do terraço, nas samambaias verdes do jardim, na rua.

A chuva pede aconchego, agasalho, ternura, amor...

Mas, eu não te tenho, eu te perdi. Tu não virás esta noite, nem amanhã, nem depois. Talvez não venhas, mesmo, nunca mais...

A chuva continúa a cahir e a chuva pede amor...

Então, é ao desespero que me entrego...

Lucia

O Grajahú Tennis Club commemorou a noite de S. Sylvestre com um animado baile, que teve todos os encantos de uma festa de sociedade.

No theatro Municipal de Nictheroy realizou-se, a 15 do mez findo, a festa de collação de grão dos novos bacharelandos do Collegio Icarahy, dirigido pelo dr. Jorge Abreu. Constou a mesma de varias solennidades, que se revestiram do maior brilho, e tiveram selecta assistencia de elementos da melhor sociedade da vizinha capital. Encerrou o programma excellente hora de arte, que foi, sem duvida, a nota de successo da grande festa escolar, porque assignalou um bellissimo acontecimento artistico e social. Esta pagina apresenta trez detalhes da brilhante reunião. No alto, os alumnos da Escola de Soldados do Collegio Icarahy que prestaram compromisso á Bandeira e receberam as cadernetas de reservistas, ladeando a sua gentil madrinha, senhorita Esther Abreu. No medalhão, a mesa que presidiu aos trabalhos da cerimonia da collação de grão. Em baixo, os novos bacharelandos em companhia do dr. Jorge Abreu e de representantes das autoridades.

Valdivia, linda e querida filhinha do dr. Sebastião Cavalcanti, de Albuquerque, illustre delegado fiscal do Thesouro Nacional em Natal, no dia da sua primeira communhão.

A senhorita Cenira Freitas e seu noivo, sr. Paulo Baethgen, que se casaram na cidade gaúcha do Rio Grande, onde residem e de cuja sociedade são elementos de destaque.

Enlace da senhorita Delzira Monteiro da Fonseca com o sr. Carlos Duprat Ribeiro, celebrado nesta capital, em dezembro último.

SOBRE O AMOR

Como nunca se tem a liberdade de amar ou deixar de amar quando se quer, os amantes não têm o direito de queixar-se da volubilidade que atáca a um delles fazendo esquecer o outro. — *La Rochefoucauld.*

Na séde da Sociedade Scientifica de Estudos Supermentalistas «Tattwa Nirmanakaia» foram distribuidos, no dia de Natal, viveres, roupas e brinquedos a mais de mil crianças pobres. E' um aspecto dessa distribuição o que focaliza o nosso «cliché», vendo-se, ahi, além do presidente da Tattwa, dr. Gerson de Paula Lima, e um dos directores, dr. Pedro Magalhães, varios elementos da nossa sociedade que collaboraram nessa obra de philanthropia.

SABEDORIA

A belleza é como o effeito dos perfumes: de pouca duração. Acostumamo-nos a ella e a elles e não mais os sentimos. — *Mme. Lembert.*

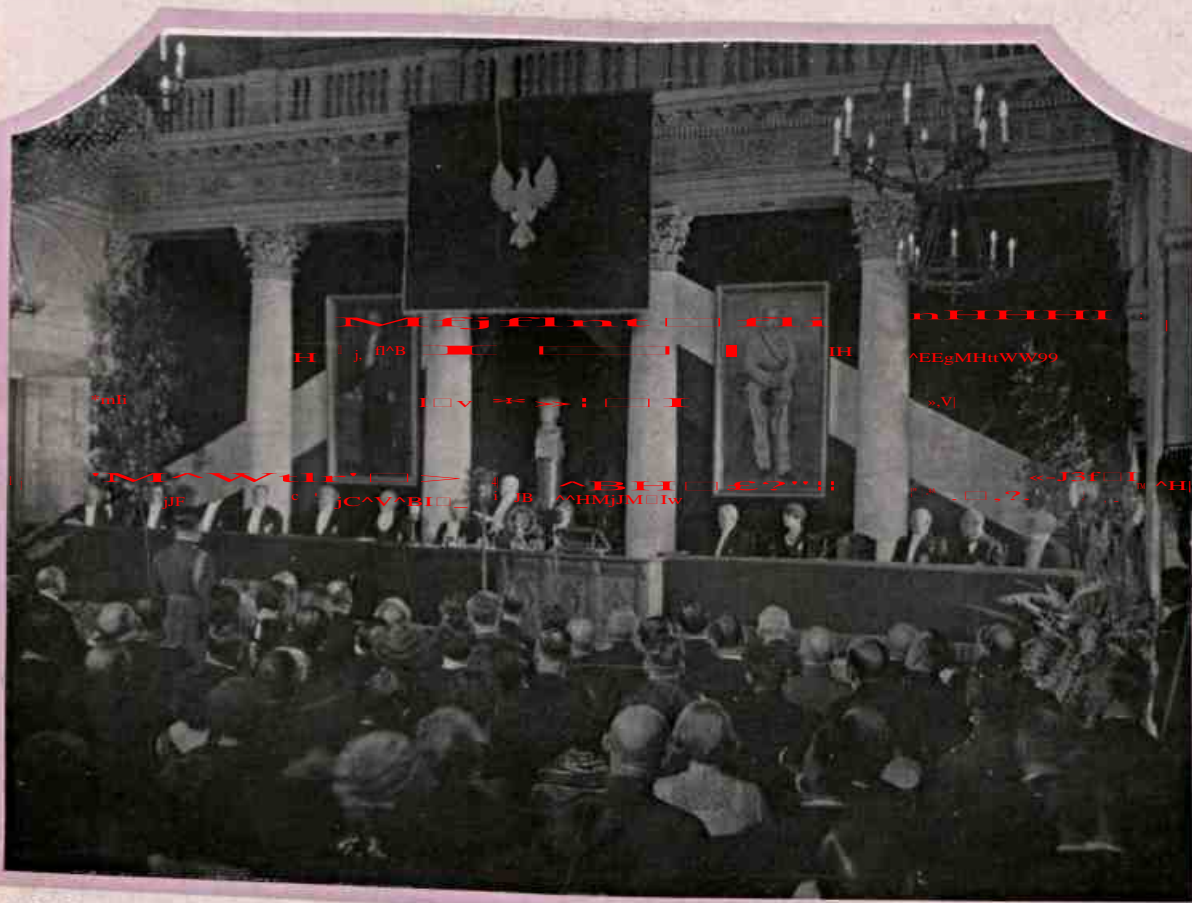
* * *

Os amantes escondem cuidadosamente os seus mutuos defeitos, mas os esposos os demonstram. — *Mme. Dunoyer.*

* * *

Só se amam verdadeiramente aquelles que já não têm necessidade de o dizer. — *Adrien Dupuy.*

* * *

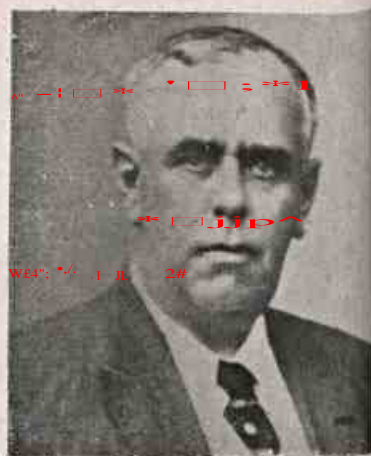
Um só divorcio que puna um marido de suas tyrannias impede um milhão de lares infelizes. — *Stendhal.*

"FON-FON" NA POLONIA

Inaugurou-se, recentemente, em Varsovia, a Academia Poloneza de Letras, sendo eleito seu primeiro presidente o escriptor Waclaw Sieroszewski, que é um dos vultos mais illustres das letras polonezas contemporâneas, conhecido sobretudo pelos seus livros de viagem ao Oriente e seus estudos de sociologia dos povos da Siberia, onde viveu alguns annos, exilado. As obras de Sieroszewski attingem a setenta volumes e estão traduzidas em quatorze idiomas, europeus e asiáticos. A gravura mostra um flagrante da solennidade de installação da Academia Poloneza de Letras, á qual compareceu o presidente da Republica, professor Ignacy Moscicki, que apparece á direita, sob o retrato do marechal Pilsudski.

Os medicos da turma de 1923 da Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro festejaram, com um almoço, nas Paineiras, o decimo anniversario de sua formatura. O presente grupo foi tomado por occasião dessa festa de cordialidade.

A festa dos novos bacharéis em sciencias e letras do conceituado Collegio Baptista revestiu-se, este anno, de muito brilhantismo, constituindo um verdadeiro acontecimento na vida daquelle grande educandario. Nossa gravura focaliza, ao alto, o grupo dos novos bachareis em companhia de seus paranymphos e, em baixo, um aspecto da linda exposição de trabalhos dos Cursos Elementares do Collegio Baptista, sob a direcção da competente educadora patricia, d. Olga Baeta Neves.

Apesar do cunho accentuadamente regionalista, já demasiado explorado por todos os poetas dos quadrantes do paiz, numa insistencia fatigante, o sr. João Stefanini conseguiu se manter um poeta interessante e inspirado, no poema «Poeira da vida». Apresenta-o, num prefacio animador, o escriptor paulista Horta de Macedo, que justifica certas imperfeições do poeta. E essas imperfeições não são poucas. Mas, o que é innegavel é que o sr. João Stefanini possue excellentes qualidades de poeta. Pelo menos, espontaneidade e a arte de transformar coisas velhas em coisas novas.

O dr. Raphael Franco de Mello, ex-presidente da secção de neurologia e psychiatria da Sociedade Academica de Medicina, ex-interno da 3ª Enfermaria do Hospital S. Francisco de Assis, e actual director da Casa Clinica Anna Franco da Silveira, em São Paulo, acaba de publicar o interessante trabalho scientifico com que se apresentou no concurso para assistente do Hospital Pró-Matre.

José Lopes é, de ha muito, uma alta figura da poesia portugueza. Filho de Cabo Verde, onde tem passado toda a sua vida de estudioso e contemplativo, a sua arte não tem, entretanto, uma feição meramente regionalista. A sua poesia é de um bello cunho universalista, porque, vindo do coração, ella reflecte, com um forte e brilhante colorido, as emoções humanas mais vivas. Entre os seus livros se destaca, com um relevo especial, o seu ultimo poema, — «Hesperitanas», que teve como precursores os sonetos publicados, em Portugal, sob o titulo de «Jardim das Hespérides».

Aspecto da brilhante festa que o S[illegible] Club offereceu aos seus associados, nos salões da Sociedade Sul Riograndense, para commemorar o oitavo anniversario de sua fundação.

A mesa que presidiu aos trabalhos da solennidade promovida pelo Syndicato dos Manipuladores e Auxiliares em Laboratorios Pharmaceuticos, Industriaes e Drogarias, na sede do Club Gymnástico Portuguez, em beneficio da Escola Profissional de Pharmacia.

SABEDORIA

O maior milagre do amôr é curar a «coquetterie». — La Rochefoucauld.

* * *

Ignoramos o amôr até que elle se torne senhor. — Mme. de Lambert.

Um contracto de casamento é, quasi sempre, entre os contractantes, o compromisso de não viver juntos. — Massias.

"FON-FON" EM PERNAMBUCO — Na Faculdade de Medicina de Recife. O professor Caldas Bivar entre os alumnos de seu Curso Equiparado de Clinica Obstétrica, por occasião do encerramento das aulas.

Rendas de espuma

C R U Z E S

HA dias em que todas as coisas nos sahem pelo avêsso. Desde que nos erguemos do leito, até a hora amavel em que novamente nos deitamos.

Si temos prêssa, o café fica sempre frio. Ao fazer a *toilette*, verificamos que a lavadeira se atrazou na remessa dos collarinhos.

Ha, porventura, um certo dinheiro a receber? Infallivelmente, quando chegamos ao *guichet* do pagador, informam que o homem foi almoçar...

— A que horas volta?

— Lá pelas duas ou trez. E não é muito certo...

O diabo é que o dinheiro era para o meio dia. Sem falta. Sem falta! Mas é o cumulo do azar!

Depois de todos esses contratempos, encontramos, na rua, um individuo qualquer, que nos deve uma infinidade de favores. No emtanto, o ingrato nos vira o rosto, cynicamente, como si lhe fossemos cobrar um daquelles obsequios...

Adeante, é a senhorita X...

Autora ou não, artista ou negação da arte, — mas, em todo caso, alguem a quem já fizemos toda sorte de amabilidades — sem que recebessemos della, ao menos, um "muito agradecida" — a verdade é que a senhorita X... finge que não nos vê...

Oh, senhores!... E' de enlouquecer!

Primeiro, porque não ha quem se acostume com ingratidões. Depois, porque é desesperante estar um cidadão na sua melhor apparencia — dando a idéa nitida, real, insofismavel, de bem estar, e de repente ser forçado a admittir a hypothese desagradavel de que é um cavalheiro a quem se evita.

A' tarde alguem que sempre nos procura, e parece interessar-se por nós, falha, deploravelmente, ao telephonema ou ao encontro que nos prometteu

Delita Moreira é o nome desta linda creatura de olhos negros, que canta harmoniosamente no radio, interpretando as nossas canções, e encanta a gente com essa graça brasileira que palpita e vive em toda a sua rutilante figurinha de mulher.

Que pensar?

Só o que podemos suppôr é que tudo conspira contra nós. Mas, por que, finalmente?

Os superstitiosos encontram nesses contratempos uma razão de ordem occultista.

Ha quem corra logo á folhinha a vêr si é sexta-feira ou dia 13. Outros crêem que sahiram de casa com o pé esquerdo, ou não se persignaram ao levantar-se da cama...

Quem estará com a razão?

Para os que acreditam na chiromancia, ha um motivo com que justificam, á *merveille*, essas desventuras.

O planeta que lhes rege o destino — dizem elles — não está no mez favoravel aos seus actos, na vida. Para os espiritas, tudo isso não passa de obras más, praticadas pelo "espiritos de treva". Para outros, é azar. Esses procuram na memoria, e encontram sempre um indesejavel que lhes apertou a mão, ainda cêdo; e esse indesejavel é conhecido como portador de má sorte, *jettatura* ou *urucubaca*.

Eu mesmo tenho um amigo, intellectual de nomeada, que vive frequentemente dominado por essas abusões.

Ha no seu *carnet* — o *carnet* cabalistico — uma multidão de nomes, de ambos os sexos, que elle considera *pesados*...

E é de vêr, por esse motivo, a preoccupação com que elle foge de certos individuos — como o diabo da cruz...

E já que falei em cruz é com ella que vou terminar esta chroniqueta.

Cruz!

Cruz!

Credo em cruz — é o que rézo com todo o meu fervor, aos santos milagrosos da velha Côrte Celeste, para que não mais me aconteça a série de azares que me perseguiram no anno velho!

Vade retro! Que 1934 não me seja nada *pesado*. Amen.

Yves

FON-FON no cinema

ABRAÇA-ME BEM!

Da *Fox-Film* com JAMMES DUNN e SALLY EILERS

CHUCK é um rapaz de grande actividade, um espirito arguto, que sabe se conduzir na vida e no amor. Empregado de um grande armazem de exportação, intelligente, ambicioso e com idéas proprias, está decidido a ir por deante na vida. Para não perder tempo durante as suas viagens de omnibus, tem vindo a sustentar um apertado *flirt* com uma formosa pequena, a querida Molly, que é empregada do departamento de roupas do mesmo estabelecimento. Do *flirt* para o amor intenso e forte pouco tempo demorou. Chuck e Molly não pensam senão na felicidade de se unirem na vida para dar satisfação á sua dominadora paixão. Ha, porém, no armazem, um detective que alli exerce as suas funcções ha muitos annos, e que, apesar de requestar uma outra empregada, Truddie, a quem continuamente dá presentes, não deixa de prestar as suas mal intencionadas attenções a Molly, com grande desespero de Chuck. Mas a pequena sabe bem onde está a felicidade e finge não perceber os vôos do detective Dolan.

O detective não é de bom figado. Na vespera do dia em que devia realizar-se o casamento de Molly e Chuck, consegue que este seja despedido do armazem. No momento em que a ceremonia se ia realizar, apenas Molly sabe do facto. Não o revela ao noivo, pois tem a certeza de que sem emprego elle não se casaria. Uma vez casados e na realidade dos factos, Molly continúa trabalhando e Chuck procura trabalho por toda a parte. Como a situação não se modifique por muito tempo, Chuck resolve abandonar Molly, declarando-lhe que não pretende leval-a á miseria, e que só voltará para junto della quando tiver conseguido trabalho. Chuck chega á maior miseria, mas, homem de vontade, não procura nunca Molly.

O detective Dolan planeja roubar pelles para dar de presente ás suas amiguinhas e arranjar as coisas de maneira que a culpa recaia sobre Molly e Chuck. Para isso offerece a este a opportunidade de entrar para o serviço do armazem á noite. O detective, porém, não contava com a intelligencia de Chuck, que, vendo claramente qual era a intenção de Dolan, em vez de lhe satisfazer á vontade criminosa, põe o roubo a descoberto e consegue assim receber a compensação devida á sua honestidade e á sua dedicação, sendo-lhe dado um alto posto no mesmo armazem. Molly, para coroar aquelle triumpho, pede-lhe, ao se encontrarem de novo na sua cazinha: "Meu amor! Abraça-me bem!"

DA PARAMOUNT

SIMONE É ASSIM...

(Simone est comme ça)

com MEG LIMMONIER e HENRY GAPAT

No correr de uma viagem de automovel pela Riviera, André Mallot, um rapaz de fortuna, faz conhecimento com Simone, joven artista inclinada á vida bohemia e que professa um odio invencivel pelos homens ricos. Isso vem elle a saber quando se banha com a linda moça, e, saltando em terra, o que primeiro faz é trocar de roupa com um vagabundo, afim de não desmerecer aos olhos da sympathica moça, cujos encantos o subjugaram desde o primeiro momento. Logo depois, sempre sob seu improvisado disfarce, incorpora-se a uma caravana de jovens artistas, que vae partir em excursão, mas é reconhecido por um delles, Groult, de quem obtem mais algumas informações sobre a sua deusa. O que Groult não lhe diz, porém, é que Simone tem por protector o velho Baillou, que em pouco apparece a visitál-a e lhe offerece como presente de anniversario uma piteira de tartaruga. Ella, sem difficuldade, convence Baillou de que não póde deixar de fazer a excursão projectada, em extremo fatigante para elle. Baillou retira-se pouco satisfeito, e logo entra André, agora vestido com uma indumentaria cuja procedencia attribúe a Groult. Quando Baillou reapparece, informam-no da ausencia de Simone; mas o capitalista não cabe em si de surpreza quando descobre nos labios de André a linda piteira cuja origem não tem segredos para elle.

Dias depois, em Paris, no aposento de Simone, esta e André entregam-se ás delicias do seu amor, em-quanto Baillou está ausente. Com grandes precauções, André tenta revelar a Simone a verdade sobre a sua situação financeira, pois não póde supportar as crescentes prodigalidades da pequena, que o fazem apparecer mal aos olhos de todos. Baillou faz uma entrada extemporanea no aposento e Simone tenta dar-lhe explicação da presença de André, em condições tão compromettedoras. A sua tactica de nada vale, entretanto, e Baillou se retira furioso. André tenta fazer face financeiramente á situação, mas disso ainda uma vez o dissuade Simone, que não supporta as classes capitalistas e que, ao contrario, convencida das difficuldades do amante, lhe mette no bolso uma gorda maquia.

Pouco depois, apparece Lucette, uma amiga intima de Simone, que tem decidido fraco pelos *boxeurs* e conta como foi abandonada pelo seu protector, injustamente convencida da sua infidelidade. André aponta-lhe, porém, sensatamente, o caminho da salvação — Baillou.

Lucette acceita o conselho e em breve Simone tem successora. Mas o novo reinado de Baillou dura pouco, porque logo se inclina Lucette por Max, um amigo a quem André phantasiou de homem rico para dissuadir Simone do seu odio ás pessôas de dinheiro. A pequena não se apercebe, porém, da manobra, e é ella quem, servindo-se de Max, enche André de desespero e de ciume. Afinal, a despeito dos compromissos assumidos com o amigo, Max a tal ponto aperta o cerco a Simone, que André não tem outro remedio senão dizer a esta a verdade sobre a sua situação e revelar-lhe o objecto da tactica em que foi seu cumplice Max. E Simone, porque muito ama realmente o rapaz, abre-lhe os braços, e perdôa-lhe o crime de ser rico...

TREZE MULHERES

(Thirteen Women)

Da RKO - Radio

com IRENE DUNNE — RICARDO CORTEZ e MYRNA LOY

DOZE jovens estão sob um risco de morte. São lindas: têm todas as flammas da juventude, todo o encanto da ternura e mereceriam um destino melhor. Mais grato do que o que as espera. O perigo, sob cuja ronda vivem, vem de uma companheira sua, cuja maldade, intima e profunda, ninguem pressente. E' Ursula Georgi, um typo estranho, enygmatico, e que se destacava, no scenario da vida quotidiana, como um ser excepcional. Era filha de pae branco e mãe javaneza e, tanto physica como moralmente, differia de todas as mulheres com quem convivia. Tinha um sorriso meigo e lindo; mas o seu coração abrigava a impiedade. Soffria vendo florescer, ao derredor, a felicidade alheia. Estava num collegio de moças e vivia solitaria, tão incapaz era de se communicar com as almas vizinhas. Parecia presa ao encanto de uma maravilhosa visão interior. Embora o isolamento viesse de sua tendencia nata para a solidão, ella acreditou-se, um dia, desprezada pelas companheiras. Tinha susceptibilidade delicadíssimas e, desde então, sentiu-se invadir pelo rancor. Não lhe sendo possível soffrer, por mais tempo, o ambiente de collegio, abandonou os estudos, e foi ser a companheira, taciturna e diabólica, de Swami Yogadachi, um astrologo charlatão. No convívio com o supposto sabio, vem a saber que as mulheres, mais que os homens, são indefezas á suggestão mental. Idéa, então, um plano demoníaco, com que visava eliminar, uma a uma, 12 de suas companheiras de collegio. Escreve, com habilidade infernal, 12 cartas sinistras, com a assignatura de "Swami", e na qual predizia uma tragédia para cada uma das moças. O effeito foi o mais seguro possível, uma vez que as 12 jovens eram bastante suggestionaveis. May e June Raslob, que trabalhavam no trapezio, recebem as suas respectivas cartas antes que realizem o lance supremo de sua carreira, ou seja a volta audaz sob o grande cume. May, suggestionada pelas trágicas predições, tem uma crise nervosa em plena acrobacia e cáe, morrendo pouco após. Em face do golpe que abatêra, de momento, a pobre irmã, June enlouquece, sendo recolhida a um asylo. Mary é presa, também, de loucura, tal foi a sobreexcitação produzida pela carta que recebeu. Ursula previra que Hazel deveria ser presa e que Helen se suicidaria. Mais duas receberam as estranhas mensagens propheticas: Laura tem a advertencia de que o seu filhinho Bobby não attingirá os seis annos de idade. Grace recebe uma carta, assignada por "Swami", na qual o falso astrologo predizia a própria morte, sob as rodas de um trem subterrâneo. A carta fôra escripta naturalmente por Ursula. Joe é avisada, em Honolulú, de que se mataria pelas próprias mãos, succumbindo ao desespero de um amor infeliz. Ursula consegue sombrear, num crepusculo de presagios tristes, todas as companheiras. Apenas Laura, dotada que é de maior fortaleza moral, resiste á suggestão. Laura, afim de combater, através de uma acção conjuncta com as amigas ameaçadas, o inimigo invisível, convoca-as para a sua casa, em Los Angeles. Ursula acompanha Helen no trem. Em dado momento, para dar maior verosimilhança ás suas prophecias, a perversa Ursula faz com que o Swami, que viajava no mesmo wagon, cáia sob as rodas do trem, morrendo. Mais tarde, em palestra com Helen, Ursula serve-se de sua força hypnotica, magnetizando-a. Helen é arrastada ao suicidio, tal a sua convicção de que a sua morte estava realmente assignalada pelas estrellas. Quasi ao mesmo tempo, Hazel, no Est, succumbe inteiramente á influencia de que soffre, e apunhala o marido, sendo presa. Instigado por Ursula, um desconhecido tenta matar o filhinho de Laura. Esta, porém, contracta os serviços de Clive, um famoso detective, que, através processos hábeis de investigação, vem a descobrir que é, em verdade, Ursula, ao mesmo tempo que a desmascara. Na imminencia de ser presa, Ursula tenta fugir. Mas, no mesmo trem em que viaja, vão Clive e Laura. Ursula comprehende que lhe chegára o momento da expiação e, accommettida pelo terror, atira-se do wagon, encontrando a morte. O trem segue a marcha, por isso que a tragédia não fôra presentida. Clive, Laura e Bobby estavam com a felicidade asseguradas e rumavam para uma viagem de amor, de belleza e ternura.

NOTAS DE ARTE

ESPECTACULO DE DANÇA DOS ALUMNOS DOS PROFS. PIERRE MICHAILOWSKY E VERA GRABINSKA — Em a noite de jovedia. 5ª.-f., 21 de dezembro, realizou-se no I. N. M. um espectaculo de dança promovido pelos Profs. Pierre Michailowsky e Vera Grabinska, em que se exhibiram os seus alumnos dos cursos do Instituto Nacional de Musica, do Instituto Nacional de Musica, Foot Ball Club e do Tijuca Tennis Club, e os proprios mestres.

Dividiu-se o programma em tres partes. A primeira consistiu numa demonstração pratica da educação plastico-rithmica por alumnos do I. N. M. em que tomaram parte 24 creanças, acompanhadas ao piano pela prof. Diva Belizario de Carvalho. A segunda composta de vários números: *Primavera*, de Tchaikowsky, onde figuraram, como cravos e crysanthemos, 49 crianças, e symbolizou a Primavera a menina Mathilde Galano; *Minuetto*, de Messager, pelas creanças Lúcia e Clotilde Belisario de Carvalho; *Orchestra Grega*, de Beyer, pelas srtas. Zilma Campista, Helena Lassance, Esther Silveira Pinto, Maria José Lassance da Cunha, Norma de Castro Barreto, May Mandim, Dulcinéa Cardoso da Silva; *Mazurka*, de Chabrier, pelas srtas. Laura Assis, Déa de Castro Barreto, Lydia Cavalcanti, Margarida Sonnenfeld; *Passaros*, de Gilbert, pelas creanças Elvira e Helena Lopes, Anadir e Alair de Carvalho; *Caçadora India*, de Becce, pela srta. Angela Amaral do Valle; *Boiarynia*, dança sobre motivos populares russos, pela srta. Laura Assis; *Dança sagrada e profana*, de Strauss, pela srta. Margarida Sonnenfeld; *Biscuit de Sévres*, de Arensky, pela prof. Vera Grabinska; *Marcha India*, de Pierné, pelo prof. Pierre Michailowsky e pelas srtas. Déa e Norma de Castro Barreto, Angela Amaral do Valle, Laura Assis, Elisa Rocha Gomes, Alice Rangel, Zilma Campista, Dulcinea Cardoso da Silva, Maria José Lassance da Cunha e Helena Lassance. A terceira parte desdobrou-se em dez números: *Dança Russa*, de Glinka, pelo prof. Pierre Michailowsky e pelas srtas. Angela Amaral do Valle, Zilma Campista, Alair de Carvalho; *Dança Classica*, de Drigo, pelas creanças Mathilde Galano e Alice Jacobsen; *Dança Assyria*, de Rubistein, pela srta. Déa de Castro Barreto; *Fé, Esperança, Amor*, de Brahms, pelas creanças Maria Luiza Tarquino, Clotilde Belisario de Carvalho, Francisca Lauro; *Variação Classica*, Drigo, pela srta. Helena Lomann; *Dança do Caucaso*, sobre motivos populares pelas srtas. Déa de Castro Barreto, Laura Assis, Margarida Sonnenfeld e pelos srs. Mario Moreno, Alvaro Aranha, Felix Sonnenfeld; *Gitana*, dança sobre motivos populares, pela prof. Vera Grabinska; *Samba Estylizado*, de Souto, pelas srtas. Angela Amaral do Valle, Zilma Campista, Dulcinéa Cardoso da Silva; *Brinquedo Russo*, dança sobre motivos populares, pelas creanças Maria Luiza Tarquino e Francisca Lauro, Maria José de Carvalho, Alice Jacobsen, Eddie e Amandir Macedo de Oliveira; *Capricho Espanhol*, de Rynsky-Korsakoff, pelos profs. Vera Grabinska e Pierre Michailowsky e pelas srtas. Margarida Sonnenfeld, Maria do Carmo Veiga, Déa de Castro Barreto e Laura Assis.

Todo o espectaculo foi um desenrolar de gestos e meneios, de movimentos e attitudes, cada qual mais interessante e vivo, impressionando em gráus diversos mas sempre bem todo o auditorio, que não cessou de applaudir.

Salvo um ou outro deslise, muito natural em exhibições do genero, e tratando-se de espectaculo de alumnos, tudo era e foi digno de applausos.

Para não deixar de assignalar o que mais affectou a nossa sensibilidade, citamos a bravura muito communicativa que a srta. Laura de Assis imprimiu á *Boiarynia*; o vigor dramatico impresso á *Dança sagrada e profana* pela srta. Margarida Sonnefeld; a leveza de pluma que irradiou de *Biscuit de Sévres*, dançado por Vera Grabinska; a elegancia emotiva que fluiu da *Dança Classica* executada pelas meninas Mathilde Galano e Alice Jacobsen; e *Capricho Espanhol*, verdadeira revista de mostra de quasi todos os maiores valores do espectaculo: profs. Vera Grabinska e Pierre Michailowsky e as alumnas Déa de Castro Barreto, Laura Assis, Margarida Sonnenfeld e Maria do Carmo Veiga. Mas a citação seria incompleta se não registrassemos uma das nossas maiores senão a maior impressão da noite: a *Dança Assyria* pela srta. Déa de Castro Barreto. Admiramos e applaudimos não só a radiante belleza expressiva como também todo o primor technico que a joven artista a dança imprimiu. Pareceu-nos que a dançarina assimilára integralmente o personagem que representava dançando. Não se notava o minimo desaccôrdo entre a dança e a musica. Os gestos eram notas, e as notas eram gestos. Apesar de não ser para a nossa sensibilidade dos mais bellos poemetos choreographicos, a *Dança Assyria* impressionou-nos fortemente pela arte invulgar com que a viveu a artista.

Tendo por fim a educação artistica, a obra dos professores V. Grabinska e P. Michailowsky parece está produzindo proficuos resultados. Tanto assim que já figuram entre os seus alumnos muitos capazes de in-

terpretar com apreciável e ás vezes [illegible] correcção vários numeros de [illegible], taes as srtas. Déa Barreto, Laura Assis, Margarida Sonnenfeld e as meninas Mathilde Galano e Alice Jacobsen.

AUDIÇÃO DE CANTO DAS ALUMNAS DA PROF. MARIETTA CAMPELLO BARROSO — Pelo numero e pela qualidade foi das mais notáveis a audição de canto das alumnas da prof. Marietta Campello Barroso, realizada no I. N. M. em a noite de [illegible], 28 de dezembro, com este programma: M. Ponce — *Estrellita*; Chopin — *Pour toi seul*; Mozart — *Non so più cosa son, cosa faccio*, aria da op. "Nozze di Figaro"; por Eulalia Crokatt de Sá (curso geral); — Alberto Costa — *Canto da Saudade*; Santoliquido — *Riflessi*; Massenet — *Il est doux, il est bon*, aria da op. "Herodiade"; por Lourdes Antunes Pereiras (curso superior); — Gabriel [illegible] — *A Felicidade*; Mascagni — *Voi lo sapete ó mamma...*, romança da op. "Cavalleria Rusticana"; por Ophelia Rodrigues de Moraes (curso superior); — Francisco Braga — *Catita*; Massenet — Gavotte da op. "Manon"; Verdi — *Fors' é lui*, aria da op. "La Traviata"; por Branca dos Santos Lima (curso superior); Gretchaninow — *Berceuse* e *Triste est le Steppe*; por Olga Praguer Coelho (diplomada); — Edgard Guerra — *Si tu voeux*; Brahms — *Serenata Inutile*; Carlos Gomes — *Ballata*, da op. "Guarany"; por Carmen Loureiro (1º premio medalha de ouro); Alberto Costa — *Cyano*; Giulia Recli — *Il pastore canta*; Gounod — *Plus grand dans son obscurité*, aria da op. "La Reine de Saba" por Irene Yara Sacramento (diplomada); — [illegible] Cavallo — *Serenade Française*; Paulo Vidal — *Ariette*; Saint Saens — *Mon coeur s'ouvre á ta voix*, aria da op. "Sanson et Dalila"; por Anna Maria Ribeiro (curso superior); — Debussy — *Fantoches*; Massenet — *Le vire de Manon*, da op. "Manon"; Rossini — *Una voce poco fa*, da op. "Il Barbiere di Siviglia"; por Carmen Bertucci (curso superior); — Mignone — *Flor Andalusa*; Alberto Costa — *Serenata*; Leoncavallo — *Mediæ Rispetto* (?); por Lúcia Tanger (1º premio, medalha de ouro); — os duettos: *El Desdechado*, de Saint Saens e *Les contes d'Hoffmann*, de Offenbach, por Carmen Bertucci e Anna Maria Ribeiro.

Alumnas em diversos gráos de cultura, com vozes differentes, muito embora quasi, todas, senão todas, bôas vozes, é natural actuem diversamente sobre a sensibilidade dos ouvintes. Donde a diversidade dos gostos levando a preferir umas a outras sem que isso queira dizer que, uma vez na plena posse de todos os predicados artísticos, não se lhes modifique a classificação, passando as ultimas a primeiras, e as primeiras a ultimas. Mas registrando impressões, é natural abstrairmos dessa circumstancia e digamos sinceramente as emoções que sentimos.

Com esse critério collocamos em primeiro logar a srta. Anna Maria Ribeiro. Raro meio soprano pela belleza do timbre, allia aos predicados puramente vocaes, accentuado temperamento de artista. Aperfeiçoando a dicção, apurando gestos e attitudes, tornando mais harmoniosa a mimica da face, cultivando ainda mais a quente e avelludada voz, a srta. Anna Maria poderá ser amanhã uma cantora perfeita, uma das nossas melhores cantoras, fadada a bello futuro. Alguém, depois de ouvil-a na Serenata de Leoncavallo, disse-nos emocionado: "Tem na voz a côr dos cabellos; é uma voz de ouro..."

Outra bella voz, de genero diverso, mas bem dotada, é a da srta. Carmen Bertucci. Deu muito realce á romança de Rosina — *Una voce poca fa*. Ainda no mesmo plano, é de notar-se a srta. Yara Sacramento, voz theatral, que mais se valrizará, quando der ao canto o artístico relevo que essa voz exige.

Dentro da relatividade com que devem ser apreciadas, enumeremos as peças que mais nos agradaram, alem das que cantaram as srtas. Anna Maria, Carmen Bertucci e Yara Sacramento. E foram: *Il est doux, il est bon*, pela srta. Lourdes Pereira; *Voi lo sapete ó mamma*, pela srta. Ophelia Moraes; *Gavotte de Manon*, pela srta. Branca Lima; *Ballada do Guarany*, pela srta. Carmen Loureiro; *Serenata*, pela srta. Lúcia Tanger.

Deixamos para o fim dois nomes que merecem especial menção. Um é o da srta. Eulalia Crokatt de Sá, a mais atrazada das alumnas, a que tem menos tempo de estudo, mas uma das que possuem voz de mais bello timbre. O outro é a sra. Olga Praguer Coelho, pela arte que imprimiu a todos os números, especialmente a *Triste est le Steppe*. E' de esperar que attinja em pouco tempo na musica erudita o elevado plano a que attingiu na musica popular.

Não esqueçamos que todo o exito da bella audição dependeu em grande parte do acompanhador, que foi o talentoso e querido pianista Mario Azevedo.

A sra. Marietta Campello Barroso, figura de destaque entre as nossas cantoras, mostrou que o é tambem entre as professoras pelas alumnas que apresentou.

O publico que enchia o salão nobre do I. N. M. não se cansou de applaudir. — OSCAR D'ALVA

Os mysterios

(SHERLOCK HOLMES

(Continuação do numero anterior)

— Estarei de volta daqui a trez horas, sr. Holmes. Mas preciso cuidar da toilette porque os cocheiros só me conhecem sob o nome de Jack, amolador de facas!

Passado um quarto de hora, Sherlock podia ver da janella do seu gabinete de trabalho, um joven amolador puxando um carrinho com as ferramentas, arrastando um pouco a perna esquerda e gritando.

— Amola facas e thesouras!

CAPITULO IV

O PAE DO AMOLADOR DE FACAS

Sherlock Holmes tomava o seu lunch quando Harry voltou com o seu trajo de amolador.

O policia obrigou-o a sentar-se junto delle e comer.

— Contar-me-ás ao mesmo tempo o que fizeste, disse o policia. De resto, recommendo-te esta sopa de peixe. Realmente a senhora Bonnet esmerou-se.

— Descobri o carro numero 2730 e quem se serve actualmente delle.

— Ah! estimarei bem sabel-o. O que é então feito do carro?

— E' agora propriedade de um certo Blackwell — Charli e Blackwell, que mora em Dover-street, 24.

— Que especie de homem é? Viste-o?

— Certamente. Até falei com elle.

— Ah! vamos, fala! Parece-me que conduziste bem o teu negocio.

— Fui primeiro procurar os meus amigos cocheiros. Saiba que encontraria muitos na taberna de Meryman. Perguntei-lhe sem preambulos se sabiam o que fôra feito do carro 2730.

"Um delles disse-me que tinha pertencido a um cocheiro chamado Wisth que morrera de repente.

"A viuva puzera o carro á venda e fôra comprado por um tal sr. Blackwell.

— E encontraste este logo?

— Oh! não! Para obter esclarecimentos tive de ir á casa do diabo, a Eastend, onde a viuva tem agora uma loja de capellista e foi ella quem me deu a morada do sr. Blackwell.

"Parti logo para Dover-street empurrando carrinho e coxeando. Quando cheguei ao numero 24, puxei a campainha.

"Uma mulher de cara de poucos amigos abriu-me a porta e obrigou-me a ouvir uma serie de disparates por tel-a obrigado a descer até á porta, emquanto tinha o presunto a queimar-se ao lume. Emfim, quasi que me fechava a porta na cara quando ouvi uma voz de homem dizendo na escada:

— E' um amolador?

— Sim, senhor, respondi immediatamente, facas, thesouras, navalhas, tudo o que quizer.

— Vem cá acima tornou a voz.

"A velha bruxa teve que me deixar entrar e eu tive o gosto de lhe pisar um pé, desculpando-me ao mesmo tempo como um perfeito gentleman.

"No patamar achava-se um homem de estatura elevada e barba castanha.

"Notei que me examinou com desconfiança, mas isto nada tem que admirar, visto que os amoladores roubam quando os deixam entrar nas casas. E quem me vir assim, duvida que eu pertença á classe?

— Nada, absolutamente, respondeu Sherlock atacando um enorme *beef*.

de Londres

Por CONAN DOYLE)

— O homem barbado que era evidentemente o proprio sr. Blackwell — fez-me um signal e conduziu-me ao primeiro andar, a um quarto mobiliado.

"Abriu socegadamente a gaveta de uma mesa e tirou dahi uma grande faca.

— Podes afiar isto? perguntou elle.

— Porque não? respondi eu! E ha de ficar tão bem afiada que ha de cortar um cabello no ar.

— Tanto melhor, desejo que corte bem... Vaes tratar disso immediatamente lá em baixo, na rua?

— Tem medo que lhe roube a sua faca? Sou um amolador honrado, vou já começar o meu trabalho.

— Não te pergunto quanto isto me custará, gritou-me elle quando eu sabia, o que quero é que corte bem!

Quando desci a bruxa abriu-me ainda a porta, empurrou-me e fechou-a acto continuo. Segui com o carrinho até á esquina da rua muito disfarçadamente.

E deitei a correr com quantas forças tinha.

— Com que fim? perguntou Sherlock. Porque não restituistes a faca ao senhor Blackwell?

— Porque pensei, tornou Harry, que o interessaria ver este objecto que parece mais uma arma do que outra coisa.

E o mancebo tirou da algibeira uma faca enorme.

— Veja, sr. Sherlock, examine a lamina com cuidado. Não tem ainda uma nodoa de sangue e um cabello?

O policia pegou na faca e, á janella, examinou-a com attenção.

— Sangue e um cabello, confirmou elle, tiveste razão, meu rapaz, em me trazer esta arma.

"E' evidente que esse sr. Blackwell reclama uma attenção particular. Mas, como desejo conhecel-o de mais perto, irei procural-o ainda esta noite. Por emquanto só tem que esperar.

Logo que anoiteceu, Sherlock vestiu-se miseravelmente, calças rasgadas, uma sobrecasaca velha, um chapéo fora de moda, cabelleira grisalha, barba curta, e arranjou um nariz de ebrio. Ninguem seria capaz de o reconhecer.

Neste trajo, o policia dirigiu-se ao n. 24 de Dover-street.

Tocou e, como um cão de guarda, a velha correu para elle.

— Que quer? perguntou com mau modo. Não se acaba hoje com todos estes vagabundos! Trate de se pôr ao largo e depressa.

— Minha querida senhora, respondeu o detective, tirando o chapéo humildemente, preciso falar ao sr. Blackwell, por causa de um negocio de summa importancia. Diga-lhe que eu sou o pae do amolador que esteve hoje em sua casa.

— Ah! nesse caso traz-nos a faca que nos roubou o patife?

— E' precisamente esse assumpto que aqui me traz, mas desejava falar ao proprio sr. Blackwell.

— Espere!

A porta fechou-se na cara de Sherlock, mas dois minutos depois abriu-se de novo e com modo decente a governante designou ao policia o primeiro andar.

Chegando ahi, Sherlock viu uma porta entreabrir-se e entrou num quarto, o mesmo onde Harry fôra recebido.

— Que quer? perguntou um homem alto, de barba

(Cont. na pag. seguinte)

clara, olhos vivos e inquietos. Diga depressa o que pretende. Mandou-me dizer que é o pae do amolador a quem confiei uma faca.

— Sim desgraçadamente, sou o pae desse patife! tornou Sherlock quasi a chorar. E' uma desgraça! Este rapaz não serve para nada. E' impossivel fazel-o trabalhar honradamente.

"Imagine, o patife vendeu a faca que lhe confiou, por meio shilling a um judeu, e fugiu com o dinheiro.

Brackwell soltou uma praga.

— Só me resta pagar-lhe a faca, continuou Sherlock, e pedir-lhe que não apresente queixa, ainda que não faria mal ao rapaz estar algum tempo preso.

"E assim ao menos estaria tranquillo. Sou um pobre homem, sir, seja generoso commigo. Quanto custa a faca?

— Vá para o diabo! retorquiu Blackwell. Que quer que eu faça dos seus shillings? Essa faca alem de ser uma recordação para mim, era-me... muito util... trate agora de me deixar em paz!

— Daqui para fora! gritou a velha governante que escutava atraz da porta e que a abriu naquelle momento. Fora, miseravel, pae de ladrão! Sáia immediatamente!

— Já vou, murmurou Sherlock, ao mesmo tempo que gravava bem no espirito a disposição exacta dos quartos e salas. Retiro-me, mas isto não é maneira de receber gente d bem e...

— Nem mais uma palavra! tornou Blackwell. Haty, acompanha-o até á porta para que não nos roube alguma coisa da escada.

Sherlock desceu resmungando.

No momento em que a velha Haty ia abrir-lhe a porta, davam de fora duas valentes campainhadas.

Haty abriu. Sherlock afastou-se para deixar entrar uma senhora assaz elegante, de casaco e saia preta.

O policia poude a custo, reprimir um grito de espanto... era a senhora Eveline Blunt.

A dama passou rapidamente deante delle e perguntou.

— Meu primo Charlie está em casa?

— Sim, minha senhora, faça o favor de entrar para a sala, vou já chamal-o.

Emquanto falava a velha governante abriu uma porta no rez do chão por onde a senhora Eveline entrou.

Depois voltou-se furiosa para Sherlock.

— O que espera ainda, de nariz para o ar? Procura provavelmente o meio de subtrahir a bolsa desta senhora? Vamos, trate de sahir!

— Demonio velho! gritou Sherlock vendo-se na rua.

Não foi longe; quando chegou á esquina parou, os olhos fitos na porta da casa.

— Assim a mulher desse pobre sr. Blunt, o desgraçado que hoje prenderam veio visitar este sr. Blackwell, murmurava o policia. E este Blackwell não é senão o primo de quem se queixou deante de mim, aquelle que no mesmo dia do mysterioso desapparecimento de Blunt lhe declarou que vira o marido apear-se de um carro com uma senhora de cabello preto.

"E esse carro que tem o numero 2.780, pertence ao proprio Blackwell.

"Mas tudo isto se liga perfeitamente e podia até fazer nascer certas suspeitas contra a sra. Eveline.

"Não procederá de combinação com esse primo que pretende, não poder soffrer?

"Não teria tomado parte no crime para se ver livre do marido?

Mas Sherlock depressa repelliu essas suspeitas.

— O proprio facto de encontrar esta senhora em casa de Blackwell, disse elle comsigo, me inhibe de pensar na sua culpabilidade. Esperemos até ver como ella se justifica da sua presença desta casa.

Sherlock Holmes não teve que esperar muito.

Passado um quarto de hora, Eveline reappareceu e caminhou precisamente para o lado onde se achava o policia.

(Continua no proximo numero)

O ROMANCE DE FRANCES HOWARD, CONDESSA DE ESSEX

A historia de amor de Robert Carr conde de Somerset, e Francês Howard, condessa de Essex, começa com feitiçarias e termina com assassinios. Nesse drama historico e real, entraram: James I, diversos personagens de sua côrte e membros das grandes familias do Howard, dos Cecils e dos Talbots, assim como feiticeiros, médicos, astrologos, pharmaceuticos, envenenadores, estranguladores, etc. Teve como scenarios não só os bairros infimos de Londres, mas tambem a Côrte de Westminster, a Torre e Tyburn.

Roberto Carr, um bello escossez empobrecido, teve a felicidade de quebrar a perna quando passava pela área de Whitehall. O rei, tomado de sympathia pelo rapaz, fêl-o tratar pelo medico de palacio tendo para com elle todas as attenções. Depois, quando ficou restabelecido, Roberto tirou partido da aventura, conquistando inteiramente o coração do real protector.

Nada parecia bastante para offerecer ao seu protegido, e honras, dinheiro, terras, titulos, uns após outros, até de conde de Rochester, James I deu ao seu favorito. O rei não negava nada ao joven e esbelto escossez de olhos azues sorridentes, e de traços finos e lindos.

* * *

Outra pessôa, porém, tinha cobiçado, igualmente, os olhos risonhos do protegido real, desejando-os com extraordinaria força de vontade. Era Lady Essex, uma das mais bellas e jovens mulheres da côrte de James I. Casada mas sem ser esposa, ella era filha do conde de Suffolk — Thomaz Howard, lord Chamberlain da casa do rei. Frances Howard casou quando contava apenas 16 annos, á moda daquelles tempos, e continuou na casa dos paes emquanto o marido Roberto Devereux, conde Essex ia terminar os seus estudos e exercicios militares em paizes estrangeiro.

Passados alguns annos, os paes a trouxeram para a côrte, onde a sua grande belleza causou desde logo sensação. Mas, assim que viu Roberto Carr, conde de Rochester, Frances não teve olhos para mais ninguem, e usou todos os seus encantos com o fim de attrahil-o.

Rochester não cahira na graça dos Howards, que tinham ciumes da sua influencia junto ao rei. Por isso, foi difficil entender-se, frequentemente, com Francês. Necessario se tornava arranjar um protector para o seu amor, e esse foi o seu amigo predilecto Sir Thomaz Overbury, que devia representar um papel terrivel entre aquellas duas vidas. Overbury era poeta e escriptor de talento brilhante. Elle escreveu todas as cartas amorosas que Ro-

(Continúa na pag. seguinte)

O ROMANCE DE FRANCES HOWARD

chester enviou a Frances, e estava a par dos muitos segredos dos dois amorosos.

Tempos mais tarde lord Essex veiu das terras estrangeiras por onde andára e, naturalmente, propôz levar a mulher para os seus estados. Mas a joven condessa provára os deliciosos prazeres da côrte, e não queria saber do isolamento do campo e, menos ainda, de unir-se ao seu legitimo esposo.

O conde de Essex appellou para os sogros, e estes ordenaram á filha que seguisse o marido. Frances teria que ir si não fosse uma providencial molestia que prostrou o conde, gravemente, no leito. Quando as melhoras se accentuaram, Frances ficou desesperada, pois suppunha que o marido morresse e custava a se conformar com aquella volta ao captiveiro, e a perda da esperança de ser condessa de Rochester.

Pensando que, si fosse viver na companhia do esposo, perderia o seu querido Rochester, começou a pôr em pratica todos os processos de feitiçaria tão usados naquella época de crendices tolas e ignorancia crassa.

A primeira pessôa que Lady Essex consultou foi a sra. Turner, que a apresentou ao dr. Forman, o qual a persuadiu do seu poder para captar-lhe o amor do conde Rochester, mas um amor duradoiro e firme.

Quanto ao marido, que ella nada receasse, pois, mesmo que fosse obrigada a acompanhal-o ao campo, havia um pó branco que seria posto na comida delle sem que despertasse suspeitas...

A noz-moscada encantada.

Além de papeis, pós e calumbés, foram preparados outros meios de enfeitiçar o conde de Rochester, e o conde de Essex.

Formou modelou figuras de cêra representando os principaes personagens do "complot". Havia uma figura ricamente vestida com sêdas e setins, e outra representando uma mulher desenrolando os cabellos sobre um espelho.

Essas praticas da Arte-Negra, porém, não tinham o menor effeito sobre os dois condes, os quaes seguiam seus caminhos sem suspeitar das feitiçarias que contra elles manejavam. Justamente alguns dias antes da morte do dr. Forman, elle enviou uma noz-moscada ao conde de Rochester, a qual influiu de maneira estranha sobre os sentimentos do favorito do rei. Desde esse dia elle nunca desfalleceu no amor louco que sentiu por Lady Essex. Ella acompanhou o marido para o campo, mas a vida commum foi tão miseravel entre ambos, que em breve voltavam, de novo, para Londres afim de tratar do divorcio e annullação de casamento. Foi um escandalo na côrte! Tudo essa terrivel apaixonada empregou para afastar o marido.

Overbury, que já estava inteirado dos vicios e defeitos de caracter de Lady Essex, falou a Rochester tentando dissuadil-o do intento de casar com mulher tão perniciosa. Rochester, indignado, rompeu com o seu amigo intimo.

A condessa de Essex, louca de odio contra Overbury e temendo que elle impedisse os seus planos de annullação de matrimonio, empregou toda a influencia da sua poderosa familia contra o amigo do seu querido Rochester. E o resultado foi a prisão de Overbury na cadeia de Estado "A Torre".

Nunca ficou provada a cooperação de Rochester nesse acto de violencia contra o seu amigo e confidente. Sabe-se que elle consentiu que a prisão fosse effectuada, mas com o unico intento de afastal-o durante o processo de annullação do casamento. Apenas isso.

Lady Essex, pelo contrario, era vingativa e rancorosa. Comprou todos os seus auxiliares: a sra. Turner, um pharmaceutico chamado Weston, o dr. Franklin (successor de Forman), e muitos outros. Por influencia de Lady Essex,

CONDESSA DE ESSEX - (conclusão)

Weston foi nomeado carcereiro da prisão, e começou o envenenamento systematico de Overbury. Todo veneno possivel foi administrado em doces, fritadas, remedios e injecções. O tenente da Torre, Sir. Gervase Elways, surprehendeu uma vez Weston quando ia deitar o veneno na comida; mas, sentindo-se sem força bastante para lutar com os importantes personagens mettidos nesse negro complot, calou-se.

Mas Overbury era resistente! Correu a noticia de que ia ser solto. Então, Lady Essex ficou furiosa. Arranjou outro rapaz de pharmacia, que, por 20 libras, envenenou uma injecção que foi dada em Overbury no dia seguinte. Oito dias depois, elle fallecia entre horriveis padecimentos.

Dois mezes mais tarde, o decreto de annullação era lavrado, por dois vótos a favor, no Parlamento, e o casamento de Frances e Rochester effectuava-se, tendo o noivo recebido o titulo de marquez de Somerset.

Mas Frances não foi feliz. Dir-se-ia que os seus crimes não a deixavam gozar a paz que tirára aos outros.

Rochester, que ella adorava, não sabia das suas perversidades, e ella estava cercada por um bando de bandidos seus cumplices. Como disse um historiador, "era de surprehender o numero de patifes utilizados para matar um só homem".

Depois do casamento, as coisas começaram a correr mal. Um novo favorito — George Villiers (depois duque de Buckingham) appareceu na côrte substituindo Rochester, e este, enciumado com a preferencia de James I ao seu rival, fez scenas, escreveu cartas e tendo explosões de genio que deesperaram o rei.

Novos rumors acerca da morte de Overbury, se espalharam. Diziam ter sido ella propositada. Ralph Winwood o secretario de Estado, relatou toda a historia ao rei, o qual ordenou um inquerito rigoroso para apurar a verdade. Esse inquerito vigoroso foi dirigido pelo primeiro lord da Justiça, Sir Edward Coke. Como sempre acontece, os menores criminosos foram os mais pesadamente atacados.

Para tirar a responsabilidade de cima dos seus hombros, (porque pessôa da mais alta posição estavam envolvidas no crime) o ministro pediu ao rei que o ajudasse a desvendar o mysterio. James nomeou lord Chancellor, o duque de Lennox lord Zouch para esse fim, e resultou que o governador da prisão da Torre, Weston, Franklin e a sra. Turner foram executados.

Houve uma demora no correr do processo, devido ao estado de Lady Somerset, que esperava um bébé.

Mas, por fim, ella e o marido foram chamados a Westminster e julgados pelos seus pares. Ella foi accusada de crime e condemnada á morte. No dia immediato, elle tambem foi condemnado á morte, apesar de não ter sido accusado de crime de assassinio.

Os que prophetizaram que elles não morreriam no cadafalso tiveram motivos de regosijar-se. O rei perdoou a ambos, mas exilou-os em Oxfordshire, em uma casa de campo, com um raio de tres milhas, apenas, onde poderiam andar livremente. Para o resto dos seus dias ficaram ali na mais completa desgraça e miseria. Como disseram naquelle tempo, "fosse o rei um diabo de perversidade, e nunca poderia ter achado um castigo mais requintado e cruel para duas almas criminosas".

A punição esteve á altura do crime.

O SABOR DE UM BEIJO

Em 1881 foram condiscipulos em São Luiz. Annos depois, rememoravamos aqui no Rio, com saudades, aquelles tempos da adolescencia em que a nossa aversão pelo latim corria parelhas com a differença apenas de que a minha não se justificava, emquanto a delle, dizia-me, então, convicto, o Pestana, provinha da sua ogerisa a todos os Horacios, pelo facto, aliás plausivel, de chamar-se Horacio o mestre-escola que fôra no Mearim o seu primeiro mestre.

Agora, decorridos vinte annos, o proprio Pestana ria-se daquella mentirosa desculpa, para affirmar-me que o professor da sua villa não lhe deixára nalma sensivel recordação de bem ou de mal; entretanto, a proposito de sentimentos que perduram, contou-me, com a solennidade de uma confissão, o caso do sabor de um beijo, que nem o correr dos decennios conseguira apagar.

— Será que fosses o preceptor dos chupados beijos de cinemas?

O meu amigo, sem dar importancia á minha pergunta, talvez irreverente, proseguiu, no mesmo rythmo solenne, o seu relato:

— Corria o mez de dezembro de 1881, quando meu pae, vindo do interior, disse-me, carinhosamente: "Annibal, meu filho, tens de ir commigo para a fazenda de teu tio Carlos, passar as ferias a tomar leite, para refazeres a saúde nesses trez mezes de descanso".

"Naquille tempo eu era, como te recordas, o adolescente Annibal, com bôa dentadura e basta cabelleira; um tanto abatido embora, mais pelos ares viciados da cidade sem hygiene, do que pelos estudos, como julgava o velho imbuido nas minhas lamentativas informações. E lá me fui com elle, contente por ficar livre da tarefa e dos professores, sem preferencia pela fazenda sobre a nossa casa da villa, que eu conhecia e estimava saudoso.

"Quatro dias depois, chovia lentamente e era já noite, quando chegamos ao solar de meu tio. Elle, prevenido com antecipação veiu receber-nos á varanda, trazendo uma lanterna que alumiava o pateo á distancia; e, meia hora depois, á ceia, surgiu minha tia para fazer as honras da mesa, em trajes simples, mergulhada em rendas. Esbelta, parecia ter menos do que os seus vinte e cinco annos bem vividos e fartos, mas que não lhe deram para deformar-se em gorduras.

"Por inexperiencia eu não divisei desde logo, através daquelles olhos verde-escuros, a alma, carinhosa e amante, da castellã que ali vivia escondida e presa pelos laços do casamento a meu tio Carlos, barbaçudo e rispido, regularmente rico, muito egoista e quasi avarento. Quarenta e seis annos teria elle, e blasonava de saúde e independencia, justificando a sua pertinacia em asseverar que desde menino não tivéra outro objectivo além de ser fazendeiro, ter gado de selecção e augmentar as suas posses. Viuvo com trez filhos criados e ausentes, casára-se de novo quando ella tenia dezoito; e, das segundas nupcias, não tivéra ainda descendente. Elle e meu pae gastaram o tempo da ceia a discorrer sobre cousas da fazenda e preços do gado, emquanto minha tia conversava despreoccupadamente commigo, perguntando-me se não tinha saudade da capital e inquerindo-me acerca de melhoramentos da cidade que conhecia do tempo em que estivéra internada no collegio.

"Na manhã seguinte voltou meu pae, em demanda da villa, onde moravamos, a seis leguas da fazenda, deixando-me ali reduzido á situação de animal a trato, com o encargo de comer e dormir bem, sem outra preoccupação que não fosse a de refazer-me.

"Passeiava a tôa, e, ás vezes, com meu tio ao campo, para v

De Lima Rodrigues

tarmos ao escurecer; mas, de bom grado eu preferia ficar em casa a ler, no meu quarto ou na varanda, quando havia de novo alguma cousa a ler.

"Julgo que meu tio baseou-se no meu ar sorumbatico e na minha idade para não desconfiar de mim ali com as criadas ao lado de minha tia, sem a presença delle, que era irmão de meu pae, como a titia era irmã de minha mãe. Duplamente sobrinho, eu era, a seu ver, parente demais e homem de menos para lhe causar ciumes.

"Ficavamos assim, eu e ella, dias seguidos sem ser suspeitados, a conviver sob o mesmo tecto daquelle casarão, quando não era o céo ou qualquer frondosa latada o nosso tecto.

"Foi nesse ambiente convidativo a enleios que minha tia começou a amar-me mais corajosamente do que eu a ella...

O meu platonismo não era, todavia, tão innocente que eu não lhe adivinhasse as curvas aprimoradas do corpo esculptural, contornado pela roupagem leve e rendada que ella preferencialmente usava. Sem prazeres de convivencia, deleitava-se graciosa em vestir com elegancia e harmonioso arranjo, evitando luxo e ostentando asseio. Tinha a volupia das rendas que as suas mucamas e ella propria sabiam tecer com habilidade.

"Eu comprazia-me embevecido a contemplal-a como se ella fosse mais estatua que mulher, e punha nisso a minha maior ventura.

"Almoçavamos quasi sempre juntos, sem o tio Carlos. Lado a lado, ella fazia-me os pratos com maternal cuidado, inquirindo-me e orientando-se sobre as minhas preferencias. Pouco a pouco, a nossa intimidade foi se estreitando á mesa do almoço, pois, ao jantar ou á ceia, em presença do tio, certo retrahimento, meu e della, insinuava-se, sem premeditação, como um brado de consciencia, embora que mal não houvesse entre nós, como não existiam suspeitas da parte delle.

"Certa manhã, lia eu um romance amoroso, que me emprestára a titia, quando senti que ella, debruçada no espaldar do canapé, respirava sobre os meus cabellos.

"— Que tal te parece esse heróe? — inqueriu, falando-me de lado, quasi ao ouvido, e tão perto, que eu lhe sentia o contacto de um braço meio nú e o cheiro delicado e natural da carne.

"Como eu, attonito e tomado de surpreza, nada respondesse, parecendo-lhe incapaz de julgar, ella apressou-se em defini-lo, com insinuante decisão, que eu não soube alcançar:

"— E' idealista demais; é como tu, se tivesses uma namorada...

"Corei e tive um sorriso vergonhoso, como se a titia me houvesse apanhado em flagrante a namorar. Doutra feita, quando eu bebia leite no curral, ella, pretextando haver demora em vir outro copo, ordenou que lhe servissem no mesmo em que eu bebêra.

"A's vezes, passava o braço pelo meu pescoço para ler commigo o mesmo jornal ou o mesmo livro, emquanto eu, embevecido pelo seu aroma, julgava haver tocado a meta da minha ventura, que uma carta de meu pae veio quebrar de chofre, mandando animaes para o meu regresso.

"No dia seguinte ao da chegada daquella importuna missiva, seria quatro horas da manhã, eu, de cara lavada e prompto, depois de uma chicara de café, aguardava a voz de montar, dada por meu tio, que ia commosco até a cancella, no limite das suas terras, duas leguas adeante.

"Por ter elle se distanciado em arranjos, ficámos sós, na varanda mal alumiada por um lampeão de kerozene, e ahi, no lusco-fusco da latada á frente, senti, sem prever, que a titia me enlaçava nos bra

(Continúa na pag. seguinte)

AS TRES

BOUDOIR de Nazarita.

Divan ao centro. Almofadas esMalhadas negligentemente. Algumas cadeiras. Cortinas de rendas na janella. Vaso de flores ao canto perfumando o ambiente...

Recostada no divan, Nazarita conversa com Yolanda Maria e Regina Coeli.

Amigas durante a infancia e inicio da adolescencia, se haviam separado durante cinco annos e agora o destino mais uma vez as aproximára.

Yolanda Maria falou:

— Nazarita, conte o que fez durante este tempo.

— Eu? Que hei de dizer? A minha vida tem sido tão alegre e como tal não deixa recordação. Não me dediquei a ninguem. O "flirt" é o maior prazer que a vida nos póde proporcionar; assim sendo, limito-me a elle. Os meus desejos, as minhas aspirações não ultrapassam o dominio da realidade. Sou feliz... Amôr, não acho que exista. Quando estiver mais velha, casar-me-ei com um rapaz rico e sympathico. Não farei excepção á regra: casamento synonimo de interesse. Eis a razão porque até agora não me preoccupei. Agora fale você Yolanda. Relate os seus amôres.

— Amôres? Só tive um. Agora vivo da saudade que me deixou. Quando cheguei ao Norte, não fixei residencia immediatamente; hospedei-me, com a mãezinha, no "Magestoso", emquanto o papae foi ao interior. Ahi conheci Edmar, um joven claro, alto, typo de athleta, uns olhos azues sonhadores como se vivessem em eterno devaneio, uma dentadura linda, e um sorriso... oh! nem quero me lembrar!... Foi naquelle sorriso que o amei com todo o ardor dos meus 18 annos. "O amôr vem da luz meiga do olhar e do mysterio que existe num sorriso". Acredito. O nosso começou assim: eu o olhava sem saber como, e elle me sorria sem saber porque. Nossos olhos em pouco descobriram uma linguagem tão particular, que ás vezes mesmo de longe nos sentiamos bem perto! Felicidade — dôce mentira que a alma humana vive a procurar. Humanidade, és tal qual Pierrot em busca da tua "Colombina" no carnaval da vida. Ficámos noivos. Elle partiu afim de combinar a data do enlace. E partiu para sempre. Quem sabe? Talvez Deus não tenha achado a terra digna de tanto amôr. Quiz que nosso sonho se realizasse no céo. Elle deve estar á minha espera... Meu coração encerrei-o num "cofre" todo feito de contas do rosario de lagrimas que derramei e a "chave" da saudade que fiquei carpindo.

Regina Coeli disse, então:

— A sua historia é muito triste mas ainda é menos triste que a minha. Conheci-o numa noite de S. João. Uma fogueira armada. Batatas, aipins, cannas assando. Balões subindo... Muitas palmas e vivas a S. João... Sentia muito frio e, apesar de proxima a fogueira, de quando em vez tiritava.

" — Senhorita, vamos entrar? Não deve estar se sentindo bem ahi.

" — Sim.

O SABOR DE UM BEIJO

(Conclusão)

ços, resoluta, e me dava, na bôcca, um beijo prolongado, tão intenso e penetrante, que lhe senti nos labios humidos o gosto do dentifricio que ella usava.

"Ha quanto tempo perdura em mim o sabor daquelle beijo!...

"Nunca mais a vi; e, dois annos depois, quando me participaram a sua morte, chorei saudoso a sinceridade della e a minha innocencia já perdida...

"Foi, entretanto, a titia a unica mulher a quem verdadeiramente amei e ainda hoje amo sem a ter possuido...

"Explica-me, se és capaz, meu psychologo de meia tijela, a duração tão longa desse amôr platonico, que, forte e vivo, resiste, sobrepondo-se á minha velhice já proxima... Eu, que a esse tempo, não conhecia os livros de Freud, embatuquei, quando podia ter tido uma sahida falsa, consoante as theorias desse philosopho".

AMIGAS

" — Quer aprender uma sorte?
" — Quero.
" — Venha vêr.
" — Entrei. Elle collocou um prato com agua sobre a mesa. Apanhou duas agulhas, deu-mas, e disse:
" — Colloque-as sobre a agua; neste momento, pense no seu amôr e na realização de seu ideal; se as agulhas se unirem, conseguirá o que deseja, se assim não acontecer...
" — Não tenho amôr. Em que devo pensar?
" — Tambem não tenho; eu penso na senhora e vice-versa. Quer?
" — Acceito.
" — Já pensei.
" — Eu tambem.
" — Mas as agulhas não se uniram... Achámos graça. E quando os balões acabaram de subir e a fogueira se extinguiu, comecei a enviar para o alto balões das minhas illusões primeiras e accendi no meu coração uma fogueira de amôr, onde colloquei a crença, a esperança e a felicidade... Elle morava no interior e frequentava a Faculdade na capital onde residiamos. Conversávamos diariamente, e eu ouvia embevecida aquellas doces mentiras, que me tornavam venturosa... Terminou o curso e foi clinicar no interior. Não se esqueceria de mim. Assim que pudesse, voltaria. Um mez depois, Uma carta laconica. "Regina. Caso-me amanhã. Perdôa-me, sim? Já era noivo quando lhe conheci. A principio, não disse por simples brincadeira e mais tarde... não tive coragem. Ruy." Meu coração não póde guardar num cofre, porque morreu de dôr. Repousa num caixão dourado feito do pranto que verti, e a chave da desillusão que me feriu. Quatro cirios illuminam o ambiente; foram feitos da luz daquelles olhos que quatro annos illuminaram minha vida.

MARIUCHA

Um andil de Sherlock Holmes...

AMOUR

EU me recordo ainda e bem claramente, apesar de tantos annos decorridos, de uma passagem bella e sentida de minha infancia risonha. Um facto raro, de belleza. Foi-me, daquelles tempos, o quadro único que me ficou bem nitido, gravado nos meus olhos e latente no meu coração...

De algumas outras passagens, vagas reminiscencias eu guardo...

Chamava-se "Amour". *Amour* que significava para mim? Nada e tudo.

Um nome bonito e nunca eu tive a curiosidade de perguntar — "... que quer dizer *amour*?". Era-me um nome doce, apenas. E eu dizia "Amour", como dizia *Mamãe*, suavemente, com contentamento sincero.

"Amour" era um pombinho alvo, de vermelhos pésinhos. Eu o queria e o estimava, sem mesmo saber que o queria, sem mesmo saber que o estimava.

Nas horas de distracções, na escola, vinha-me aos olhos, com saudade, a figurinha delicada do pombinho branco. E quando á tarde eu regressava a casa, elle, voando ligeiro, rufiando as azas, me recompensava os momentos de lembrança, vindo pousar-me ao hombro, delicadamente. E eu abraçava-o e beijava-o, e eu era sempre contente naquelles transportes de infantil caricia!

Um dia (ha sempre um dia em todas as idades...), porem, matei "Amour".

E como o matei? Em um amplexo pleno de effusão. Abracei-o muito, carinhosamente, abri os braços depois para deixál-o subir-me aos hombros... e o pombinho rolou-me, inerte, aos pés!... Espantado, vendo-o morto, chorei, chorei mais que uma criança, porque era um choro de verdadeira dôr. E eu não soube então, mesmo depois que innocentemente e com ternura o matei, que *amour* — era amôr.

. . . .

Passaram-se os annos. Foi-me a innocencia. E agora — com os factos que me succedem pelo correr da vida, na ansia de attingir o Ideal que nunca attinjo verdadeiramente, porque me tem sempre a duração de um sonho — eu comprehendo quanta realidade existia naquelle carinho infantil e naquelle desfecho de poesia triste!...

Morre-me sempre o amôr sentimento, como me morrêra "Amour"...

Aquelle affecto e aquelle desenlace, nunca olvidados... foram o prenuncio de meu destino...

PEPE

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno.... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno.... (52 ns.) ...... 118$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2-4136

Director: 2-0377 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondência deve ser dirigida á

EMPRESA

FON - FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

Comptoir International de Publicité Gargon & Levindrey
Rue Trenchet, 9 — France
— Paris VIII Ludgate Hill. Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

Dôres de

● Se V. Sa. soffre de dôres de cabeça, não ha duvida de que são provocadas por excesso de acidez em seu organismo. Combata o mal pela raiz, tomando Leite de Magnesia de Phillips, o anti-acido-laxante ideal, que eliminará a causa. Mas assegure-se de que é o legitimo — isto é, o que leva o nome Phillips. Recuse as imitações.

LEITE DE MAGNESIA DE PHILLIPS

o antiacido-laxante ideal

Ouvidor, 98 Rio — PAUL J. CHRISTOPH COMPANY — S. Bento, 35 S. Paulo